

# Bloco cresce e já reúne 11 partidos

# 'Frente ampla' para impedir anexação da Câmara a Bolsonaro

## "Esta é a eleição entre ser fiel à democracia ou aliado ao autoritarismo"

Enquanto "alguns buscam correr e lutam para fechar nossas instituições, nós aqui lutamos para valorizá-las. Enquanto uns cultivam o sonho torpe do autoritarismo, nós fazemos a vigília da liberdade. Enquanto uns se encontram nas trevas, nós

celebramos a luz", afirma o manifesto, apresentado pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia, da ampla frente formada na Casa para derrotar o candidato de Bolsonaro, que já soma 11 partidos: MDB, PSDB, DEM, Cidadania, PSL, PV, Rede, PSB, PCdoB, PDT e PT. **Página 3**



Caio Spechoto-Poder360

O PSB, PCdoB, PDT e PT se somaram ao MDB, PSDB, DEM, Cidadania, PSL, PV e Rede para formar o bloco

# HORA DO POVO

ANO XXXI - Nº 3.788 23 a 29 de Dezembro de 2020



### Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Reprodução



### Para "marcar posição", Boulos rejeita a frente ampla na Câmara no primeiro turno

O ex-candidato a prefeito de São Paulo Guilherme Boulos acha que o Psol deve se afastar no primeiro turno da frente ampla que se forma na Câmara contra o candidato do bolsonarismo. Não é a opinião da líder da bancada até agosto, Fernanda Melchiona (Psol-RS) e de Marcelo Freixo (Psol-RJ). **Página 3**

# 59 milhões de brasileiros perdem a renda emergencial no Ano Novo

Governo do Estado do Piauí



### 17 governadores pedem que seja mantido estado de calamidade

Dezessete governadores enviaram um documento para Bolsonaro pedindo a prorrogação por 180 dias do estado de calamidade pública, que permite mais ações no combate à pandemia. Os presidentes da Câmara e Senado também receberam o documento. **P. 3**

Na virada do ano, 59 milhões de brasileiros deixarão de receber o auxílio emergencial aprovado pelo Congresso Nacional. A queda brusca de renda acontece ao mesmo tempo que o preço dos alimentos e do aluguel sobem violentamente. O governo não pretende colocar nada no lugar que possa ajudar este contingente de pessoas a atravessarem o próximo período, em que a pandemia de Covid-19 continuará interferindo na economia brasileira. **P. 2**

### Rossieli: SP volta em fevereiro às aulas. "É direito das crianças"

O secretário estadual de Educação de SP, Rossieli Soares, defendeu o retorno das aulas presenciais em 2021, destacando que "Educação é direito da criança e dever do Estado, deve ser obrigatória dentro dos protocolos". **Pág. 4**

### Papa pede mais gasto com vacina, menos com arma

Em mensagem aos líderes mundiais, o Papa Francisco os exortou a investirem "o dinheiro das armas no combate à Covid-19". **Página 6**

# Butantan fecha o ano com 10,8 milhões de doses da CoronaVac

Governo do Estado de São Paulo

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), anunciou na segunda-feira (21) que o Instituto Butantan terá um total de 10,8 milhões de doses da CoronaVac até o dia 31 de dezembro. Este total será alcançado com o recebimento de 7,5 milhões de doses no final do mês, em três voos vindos da fábrica do laboratório Sinovac, parceira

do Butantan. O maior lote chega a São Paulo na quinta-feira (24), véspera de Natal, com 5,5 milhões de doses. A coletiva teve até música ao vivo (foto). O pedido de registro definitivo e autorização de uso emergencial da CoronaVac será apresentado à Anvisa na quarta-feira (23), junto com solicitações ao órgão regulador chinês. **P. 4**



# Pautasso: China enfrenta pandemia e segue crescendo

# 59 milhões de brasileiros vão ficar sem renda emergencial



Em meio à grave crise sanitária e econômica, Paulo Guedes pede férias

## Barrar desoneração da folha vai gerar mais desemprego, alertam empresários

Bolsonaro recorre contra derrubada do veto pelo Congresso que permite empresas de 17 setores enfrentarem a crise provocada pela pandemia

Empresários e parlamentares afirmaram, nesta quinta-feira (17), que a decisão do governo Bolsonaro de ir ao Supremo Tribunal Federal (STF) para derrubar a prorrogação da desoneração da folha de pagamento até o final de 2021, aprovada pelo Congresso Nacional, “é sinônimo de insegurança nos negócios e também de demissões”.

A Advocacia-Geral da União (AGU) entrou com uma ação, na terça-feira (15), para barrar a prorrogação da desoneração da folha de pagamento de 17 setores da economia que empregam mais de 6 milhões de brasileiros.

O presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin, afirma que, se a desoneração for derrubada pelo STF, o setor de proteína animal será onerado em mais de R\$ 1 bilhão.

“Nós fizemos o planejamento para 2021 calculando determinados custos para produção. Você calcula determinados custos para gerar empregos. E agora veio uma nova proposta de retirar essa

política de geração de empregos e onerar, só no nosso caso, em mais de R\$ 1 bilhão. Nós estamos trabalhando em um setor, que é de carnes, suínos, aves e ovos, que se a desoneração for derrubada pelo STF, a oneração no nosso setor será de mais de R\$ 1 bilhão”, declarou Santin à Globo News.

Para o presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), José Velloso, a prorrogação do benefício “não fere a Constituição”. “Nós entendemos que o STF não vai colher a argumentação da AGU”, disse o presidente, afirmando que os argumentos do governo para derrubar a desoneração são “totalmente rebatíveis”.

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB), que foi o autor da proposta e relator da Medida Provisória (MP) 936 que permitiu a redução da jornada de trabalho e salários durante a pandemia, declarou que “é inacreditável a decisão do governo de recorrer ao Supremo Tribunal Federal para impedir a manutenção da desoneração da folha

em 2021”. “Isto vai gerar uma grande insegurança jurídica”, alertou.

Orlando Silva destacou que “muitas empresas mantiveram os empregos apostando numa regra do jogo, e o governo, uma vez mais, quer mudar a regra do jogo no meio da partida. Isso é perigoso, pode gerar mais desemprego. Além de ser um desrespeito ao Congresso Nacional, que aprovou a prorrogação da desoneração da folha e derrubou o veto do presidente, mostrando que tem uma posição firme na defesa dos empregos”.

O senador Major Olimpio (PSL) disse que “é inadmissível esse desrespeito do governo, do Executivo em relação ao Congresso. Judicializar neste momento, a 12 dias do 1º de janeiro, é um total absurdo porque vai gerar insegurança jurídica, desespero para os empresários e um terror para trabalhadores que poderão perder o emprego”.

A desoneração permite que as empresas substituam a contribuição previdenciária de 20% sobre os salários por uma alíquota de 1% a 4,5% sobre a receita bruta.

## País caminha para mais uma década perdida na economia, aponta FGV

Economistas projetam o pior PIB per capita dos últimos 120 anos ao final de 2020

O Brasil deve registrar ao final deste ano os piores resultados para uma década de crescimento econômico e de variação de PIB per capita dos últimos 120 anos, segundo um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV). De acordo com os economistas Claudio Considera e Marcelo Balassiano, esse cenário ocorreria mesmo sem a pandemia da Covid-19.

As projeções da fundação para a década (2011 e 2020) é de um crescimento médio de 0,2% na economia, o que seria o mais fraco desempenho das últimas décadas, desde o início do século passado. No caso da soma das riquezas do País dividida pela população (PIB per capita), a projeção é que esse indicador deve finalizar a década com um recuo de 0,6% médio, igual ao observado no período de 1981-1990, e também o pior resultado desde 1901.

“O Brasil caminha para mais uma década perdida na economia ao fim de 2020, a segunda em 40 anos”, afirma o economista Claudio Considera, um dos dois autores do estudo, que foi divulgado pelo Valor na terça-feira (15).

“O caso é que, quando você cresce menos, você tem

menos a distribuir”, disse Considera, ressaltando que o fraco ritmo da atividade econômica derrubou o PIB per capita.

No estudo, a FGV usou como base as estimativas de recuo anual no Produto Interno Bruto (PIB), que é soma de todas as riquezas produzidas pelo País, de -4,4% em 2020, com retração de 5,1% no PIB per capita, originadas de projeções de mercado, do Boletim Focus do Banco Central (BC) e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Neste ano, todas as economias do mundo foram derrubadas pelo coronavírus, no entanto, o economista Marcel Balassiano avalia que no caso do Brasil a Covid-19 não pode ser usada como desculpa. Segundo o especialista, se a pandemia não tivesse existido, e o PIB subisse 2% em 2020, como apontavam as projeções pré-covid-19, a década atual já seria a pior em 120 anos, em termos de expansão econômica, já que ela teria um crescimento médio de 0,9%.

No caso do PIB per capita, a projeção seria de alta de 1,2%, nos mesmos cenários de não pandemia. “Nesse caso, a década ficaria estagnada no PIB per capita”

disse Balassiano, acrescentando que esse seria também o pior desempenho para uma década. Para ambos os pesquisadores, mais do que a crise na economia causada pelo novo coronavírus, os números demonstram uma trajetória contínua de atividade econômica fraca nos últimos anos, que culminou com o “baque” da pandemia em 2020.

“Mesmo antes da pandemia, nós crescíamos muito lentamente”, lembrou Considera. “Tivemos uma recessão forte a partir de 2016, e recuperação lenta em 2019”, acrescentou Balassiano.

Considera avalia que para o Brasil recuperar perdas de 2020 na atividade econômica e no PIB per capita a partir de 2021, a economia brasileira teria que crescer em torno de 4,4%. “Vamos supor que o PIB do Brasil caia 4,5% em 2020. O PIB tem que crescer pelo menos em torno de 4,4% para se recuperar [em 2021]”, disse o economista, observando que, para ter um saldo positivo na variação do PIB per capita em 2021, seria preciso crescer um ponto percentual a mais do que a alta estimada de 4,4% para repor o tombo da economia no ano da pandemia.



## Nilson Araújo é economista “Guedes está levando país ao abismo”, afirma Nilson Araújo de Souza

Em entrevista ao HP, o economista e professor Nilson Araújo de Souza, autor de vários livros, mestre em Economia Rural pela UFRS, doutor em economia pela UNAM (México) e pós-doutor pela FEA/USP, avalia a situação econômica do Brasil, critica duramente as medidas tomadas pelo governo Bolsonaro no enfrentamento da crise econômica/sanitária que assola o país e o mundo e aponta perspectivas para superá-la.

“É fundamental relançar, pelo tempo que durar a pandemia, usando como referência a realização da vacinação em massa, as mesmas medidas econômicas adotadas a partir de abril e que se encerram agora em dezembro”, aponta o entrevistado.

“Que medidas são essas? Auxílio emergencial para desempregados, subempregados, trabalhadores informais; apoio a Estados e Municípios não apenas para compensar a queda de receita, mas também para que possam implementar as medidas sanitárias; apoio financeiro às micro, pequenas e médias empresas; programa de manutenção de emprego e renda; reforço financeiro do SUS. Essas medidas, ao mesmo tempo que possibilitam salvar vidas, mantêm a economia funcionando”, diz ele.

“Mas, em segundo lugar”, acrescenta Araújo, “se deve desde já adotar as medidas para a recuperação da economia. (...) Registro que até o FMI, useiro e vezeiro na recomendação de políticas de arrocho, está orientando manter os estímulos fiscais e monetários, a fim de enfrentar a segunda onda da pandemia não apenas na Europa e EUA, mas também em países como o Brasil”, prossegue o economista.

“A recuperação econômica, como hoje advogam até renomados economistas de origem neoliberal, tais como André Lara Resende, Luiz Carlos Mendonça de Barros, Armínio Fraga, deve ter como alavanca básica o investimento público”, destaca o professor.

### “O drama social resultante da crise é maior do que aparece nas estatísticas”

“Neste ano que agora se encerra, a economia brasileira sofreu uma forte retração. Pelo andar da carruagem, o PIB anual, ou seja, toda a produção de bens e serviços no país, está desabando na faixa dos 5%. Ao contrário da cantilena de Guedes, que em mais uma de suas fake news apregou aos quatro ventos que a pandemia da Covid-19 teria atacado o país em pleno “voe de recuperação”, a recessão havia voltado a recrudescer antes dela chegar (segunda quinzena de março), depois de um triênio de estagnação (2017-2019), que sucedera um outro de recessão (2014-2015): no primeiro trimestre de 2020, o PIB declinou 2,5%”, ressalta o economista.

“Essa recessão foi abalroada pela pandemia, derrubando o PIB em 9,7% no segundo trimestre. Não é natural a ocorrência de tal impacto na economia, assim como também não o é o verdadeiro genocídio que, com a Covid-19, está sendo vítima a população brasileira: já perderam a vida mais de 183 mil pessoas e nada menos que 7 milhões já contrairam o vírus. O problema é que o governo Bolsonaro deixou de tomar a tempo as medidas econômicas e sanitárias necessárias para breçar o impacto econômico da pandemia e salvar vidas. Nem só retardou as medidas como sabotou a sua adoção depois de aprovadas pelo Congresso.

“O problema é que o governo Bolsonaro deixou de tomar a tempo as medidas econômicas e sanitárias necessárias para breçar o impacto econômico da pandemia e salvar vidas”.

Confira a entrevista na íntegra no site do HP: <https://horadopovo.com.br/a-politica-economica-de-guedes-esta-levando-o-pais-para-o-abismo-alerta-nilson-araujo/>

Escreva para o HP  
[horadopovo@horadopovo.com.br](mailto:horadopovo@horadopovo.com.br)

**HORA DO POVO**  
é uma publicação do  
Instituto Nacional de  
Comunicação 24 de agosto  
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21  
Liberdade - CEP: 01509-001  
São Paulo-SP  
E-mail: [inc24agosto@uol.com.br](mailto:inc24agosto@uol.com.br)  
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto  
Redação: fone (11) 2307-4112  
E-mail: [horadopovo@horadopovo.com.br](mailto:horadopovo@horadopovo.com.br)  
E-mail: [comercial@horadopovo.com.br](mailto:comercial@horadopovo.com.br)  
E-mail: [hp.comercial@uol.com.br](mailto:hp.comercial@uol.com.br)  
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

**Sucursais:**

**Rio de Janeiro (RJ):** IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679

E-mail: [hpri@oi.com.br](mailto:hpri@oi.com.br)

**Brasília (DF):** SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000

Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: [hp.dfi@ig.com.br](mailto:hp.dfi@ig.com.br)

**Belo Horizonte (MG):** Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506

Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480

E-mail: [horadopovomg@uol.com.br](mailto:horadopovomg@uol.com.br)

**Salvador (BA):** Fone: (71) 9981-4317

E-mail: [horadopovobahia@oi.com.br](mailto:horadopovobahia@oi.com.br)

**Recife (PE):** Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de

Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004

Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603

E-mail: [horadopovo@yaho.com.br](mailto:horadopovo@yaho.com.br)

**Belém (PA):** Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa,

140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

**Correspondentes:** Fortaleza, Natal, Camp 2 Grande,

Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

[www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

Com o fim do auxílio na virada do ano, milhões ficarão sem renda nenhuma diante da carestia e do desemprego explosivo

Na virada do ano, 59 milhões de brasileiros deixarão de receber o auxílio emergencial, aprovado pelo Congresso Nacional. O governo Bolsonaro deixará milhões de brasileiros sem renda a partir de 1º de janeiro e não vai colocar nada no lugar que possa ajudar este contingente de pessoas a atravessarem o próximo período, em que a pandemia de Covid-19 continuará interferindo na economia brasileira.

Dos 68 milhões de brasileiros que receberam o auxílio emergencial para enfrentarem a crise econômica provocada pela pandemia que levou à suspensão de atividades econômicas, ao fechamento de empresas e ao desemprego de milhões de pessoas, apenas 19 milhões que recebem Bolsa Família continuarão a contar com alguma ajuda no próximo ano.

Frente a este quadro, Paulo Guedes decidiu tirar férias, mas teve que voltar atrás, após repúdio geral. Onde já se viu um ministro da Economia querer sair de férias num momento tão grave como este? Ele se comporta assim porque, em oposição à realidade, vive vendendo ilusões de que a economia está se recuperando e que está no caminho certo.

Na sexta-feira (18), Guedes declarou que a economia crescerá pelo menos 4% em 2021, sem apresentar nada consistente que indique essa tendência de crescimento. Ou seja, a economia está afundando, o Brasil batendo recorde na taxa de desemprego, a pandemia avançando, e, mesmo assim, tirar uma folga de 18 de dezembro a 8 de janeiro de 2021, para Guedes, não há problema.

DESEMPREGO

O corte pela metade do benefício também acelerou, pela retração no consumo popular, o ritmo de alta do desemprego no País. A taxa de desemprego bateu na casa dos 14,6% no trimestre encerrado em setembro – atingindo 14,1 milhões de pessoas, segundo dados do IBGE. Economistas já apontam que, com o fim do auxílio emergencial, o desemprego vai explodir. Isso ocorrerá pela busca por emprego desses milhões de brasileiros que estavam sobrevivendo com o auxílio, e o mais grave é que dificilmente encontrarão uma oportunidade diante da retração econômica geral.

RECESSÃO

A economia brasileira, que desabou no segundo trimestre por conta da pandemia, e apresentou uma recuperação de 7,7% no terceiro trimestre, já demonstra desaceleração.

“Depois de crescer 5,23% em junho, reduziu o ritmo para 2,42% em julho, 1,63% em agosto, 1,68% em setembro e apenas 0,86% em outubro, justamente o período em que, pelas festas de fim de ano, a economia deveria estar acelerando. Importante prenúncio de recessão”, destacou o economista e professor Nilson Araújo de Souza, em entrevista ao HP. O economista salientou que esse “crescimento” do Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre, em relação ao trimestre anterior, se deve ao auxílio emergencial e demais medidas que foram aprovadas pelo Congresso Nacional.

“Ao contrário de Guedes, o Banco Central estima uma queda de 4,4% do PIB este ano, segundo o Boletim Focus. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) preveem uma recessão da economia brasileira de 5,8% e 5%, respectivamente.

RECESSÃO

Com o fim do auxílio na virada do ano, milhões ficarão sem renda nenhuma diante da carestia e do desemprego explosivo

Na virada do ano, 59 milhões de brasileiros deixarão de receber o auxílio emergencial, aprovado pelo Congresso Nacional. O governo Bolsonaro deixará milhões de brasileiros sem renda a partir de 1º de janeiro e não vai colocar nada no lugar que possa ajudar este contingente de pessoas a atravessarem o próximo período, em que a pandemia de Covid-19 continuará interferindo na economia brasileira.

Dos 68 milhões de brasileiros que receberam o auxílio emergencial para enfrentarem a crise econômica provocada pela pandemia que levou à suspensão de atividades econômicas, ao fechamento de empresas e ao desemprego de milhões de pessoas, apenas 19 milhões que recebem Bolsa Família continuarão a contar com alguma ajuda no próximo ano.



## Governadores reunidos com Rodrigo Maia Dezessete chefes de governos estaduais pedem prorrogação do estado de calamidade pública

Dezessete governadores enviaram um documento para Jair Bolsonaro pedindo que o estado de calamidade pública, que permite mais ações no combate à pandemia, seja prorrogado por mais 180 dias.

O documento também foi enviado para o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e Davi Alcolumbre (DEM-AP). Segundo os governadores, “ainda estão presentes as razões que motivaram, no mês de março do ano em curso, a decretação do estado de calamidade pública no país”.

Eles citaram o aumento no número diário de casos, ocupação de leitos e óbitos.

O estado de calamidade permite que o governo aumente seus gastos e não precise cumprir com as metas fiscais absurdas.

Para os 17 governadores, a continuidade da medida “asseguraria a continuidade de ações de proteção àqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social e que necessitam de auxílios”.

Assinaram o documento os governadores:

- Belivaldo Chagas (Sergipe);
- Camilo Santana (Ceará);
- Carlos Moisés (Santa Catarina);
- Cláudio Castro (Rio de Janeiro);
- Fátima Bezerra (R. G. do Norte);
- Flavio Dino (Maranhão);
- João Azevedo (Paraíba);
- Mauro Mendes (Mato Grosso);
- Paulo Câmara (Pernambuco);
- Ratinho Júnior (Paraná);
- Reinaldo Azambuja (M. G. do Sul);
- Renato Casagrande (Espírito Santo);
- Romeu Zema (Minas Gerais);
- Ronaldo Caiado (Goiás);
- Rui Costa (Bahia);
- Waldez Góes (Amapá);
- Wellington Dias (Piauí).

# Onze partidos formam Frente em defesa da Câmara dos Deputados



## Anúncio do Bloco Democrático para derrotar Bolsonaro na eleição da Câmara Boulos, para “marcar posição”, rejeita a frente ampla na Câmara no primeiro turno

Na última quinta-feira (17), Guilherme Boulos (Psol-SP) defendeu, em entrevista ao site Diário do Centro do Mundo (DCM), que os partidos de esquerda devem ter candidato próprio no primeiro turno da eleição para a presidência da Câmara dos Deputados. Indiferente à possibilidade de vitória ou não do candidato de Bolsonaro, ele disse que “a esquerda tem que marcar posição”.

No dia seguinte a essa declaração, todos os partidos da oposição, com exceção do Psol, anunciaram a criação de uma frente ampla, composta por 11 partidos, para a disputa contra o candidato de Jair Bolsonaro já no primeiro turno. A posição de formar a frente contra Bolsonaro reflete a consciência desses partidos de que o fascismo representado pelo atual ocupante do Planalto é o inimigo principal a ser derrotado.

A posição defendida por Boulos ao DCM, reflete a discussão ocorrida na terça-feira (15), onde parte da bancada adotou esta visão. No entanto, essa posição não é consensual e vem recebendo críticas até dentro do próprio partido. A deputada Fernanda Melchionna (Psol-RS), por exemplo, defendeu neste sábado (19) que o partido participe da frente ampla

contra Bolsonaro. Ela disse que confundir Maia com o candidato do fascismo é facilitar a vitória do fascista. “O Psol não vai cair nessa e vamos discutir isso”, disse a deputada gaúcha.

Ao apresentar o manifesto da frente, na sexta-feira (18), Rodrigo Maia lembrou que “enquanto alguns buscam corroer e lutam para fechar nossas instituições, nós aqui lutamos para valorizá-las. Enquanto uns cultivam o sonho torpe do autoritarismo, nós fazemos a vigília da liberdade. Enquanto uns se encontram nas trevas, nós celebramos a luz”.

E, ao apresentar, da tribuna da Câmara, a decisão unitária da oposição, Orlando Silva (PCdoB-SP) afirmou, também na sexta-feira, que “Bolsonaro representa o fascismo” e que “vamos trabalhar por um nome que possa expressar a luta pela democracia e que possa impedir que o Palácio do Planalto anexe a Câmara dos Deputados”.

Em defesa da manutenção da proposta de candidatura isolada do Psol, Boulos se afastou da avaliação do conjunto da oposição e insistiu que “o nosso campo, o campo progressista, o campo de esquerda tem que ter uma candidatura para marcar posição”.

“Essa candidatura

será em defesa, não apenas da democracia, não apenas como forma de bloquear o autoritarismo do Bolsonaro, mas também em defesa das pautas populares, contra o neoliberalismo, em defesa dos direitos sociais e uma agenda popular para o Brasil”, afirmou.

Apesar de concordar com a avaliação de seu entrevistador, o comentarista do site 247, André Constantine, de que os dois candidatos, Arthur Lira e o candidato da frente ampla, “representam o mesmo projeto de aprofundamento do neoliberalismo”, Boulos admitiu que, se houver um segundo turno, aí sim “a esquerda deve trabalhar para barrar a candidatura apoiada por Jair Bolsonaro”.

“Eu concordo contigo que no primeiro turno da eleição da Câmara os partidos de esquerda devem buscar construir uma candidatura própria para apresentar o nosso projeto e a nossa diferença seja com a extrema direita bolsonarista, seja com a direita tradicional brasileira”, disse Boulos. Ou seja, Boulos e alguns outros integrantes de seu partido subestimam os riscos do fascismo e não acham um problema importante se o candidato de Bolsonaro vencer o primeiro turno da eleição para a mesa da Câmara.

## Melchionna, ex-líder da bancada, defende que Psol participe da frente contra Bolsonaro

“Igualar Rodrigo Maia com um fascista é um erro que só ajuda o fascista a eleger seu candidato”, afirmou a deputada do RS

A deputada federal Fernanda Melchionna (Psol-RS) defendeu neste sábado (19) que seu partido integre a frente contra Bolsonaro na Câmara dos Deputados.

Fernanda Melchionna era líder da bancada do Psol até agosto, quando se licenciou da liderança para se candidatar à prefeita de Porto Alegre.

A deputada argumenta que “igualar Rodrigo Maia com um fascista é um erro que só ajuda o fascista a eleger seu candidato”.

“Temos diferenças econômicas profundas com Maia, mas igualar ele com um fascista é um erro que só ajuda o fascista a eleger seu candidato a presidente que é Artur Lira”, disse Melchionna. Tudo que ajuda Bolsonaro sou contra. Por isso, defendendo participação no bloco democrático. O Psol fará esse debate!”, acrescentou.

Para a deputada gaúcha, a oposição na Câmara deve estar uni-

da na eleição da mesa-diretora e derrotar a eleição do candidato de Jair Bolsonaro, deputado Artur Lira (PP). A posição da última reunião da bancada do partido, ocorrida na terça-feira (15), rejeitou a participação do partido na frente ampla contra Bolsonaro. Na sexta-feira (18) a frente foi lançada oficialmente com 11 partidos.

“A estratégia da esquerda da eleição da Câmara tem que ser derrotar o candidato de Bolsonaro. Todas táticas são válidas, como lançar candidato para demarcar programa. Mas forças ocultas querem igualar o candidato de Bozo ao campo de Maia para ajudar o Lira. O Psol não cai nessa”, defendeu a parlamentar em sua página nas redes sociais.



Deputada foi líder da bancada até agosto

O PSB, PCdoB, PDT e PT informaram na sexta-feira (18) que decidiram se somar ao bloco formado por MDB, PSDB, DEM, Cidadania, PSL, PV e Rede para a disputa da mesa da Câmara. Só o Psol decidiu não entrar. Bolsonaro é símbolo do fascismo e do autoritarismo”, denunciou Orlando Silva

O PSB, o PCdoB, o PDT, o PT e a Rede informaram nesta sexta-feira (18) que decidiram se somar ao bloco formado por MDB, PSDB, DEM, Cidadania, PSL e PV, liderado pelo atual presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), na disputa com o candidato de Jair Bolsonaro, o deputado Arthur Lira (PP-AL) para o comando da Casa.

O anúncio da formação do bloco de 11 partidos foi feito na Câmara por Rodrigo Maia e lideranças desses partidos. O atual presidente da Câmara ainda não anunciou o nome que representará o bloco.

“Enquanto alguns buscam corroer e lutam para fechar nossas instituições, nós aqui lutamos para valorizá-las. Enquanto uns cultivam o sonho torpe do autoritarismo, nós fazemos a vigília da liberdade. Enquanto uns se encontram nas trevas, nós celebramos a luz”, disse Maia.

“Este grupo que hoje se apresenta tem muitas diferenças, sim. Porque, diferentemente daqueles que não suportam viver no marco das leis e das instituições e que não suportam o contraditório, nós nos fortalecemos nas divergências, no respeito, na civilidade e nas regras do jogo democrático”, afirmou Maia.

“Esta não é uma eleição entre candidato A ou candidato B. Esta é a eleição entre ser livre ou subserviente; ser fiel à democracia ou ser aliado do autoritarismo; ser parceiro da ciência ou ser conivente com o negacionismo; ser fiel aos fatos ou ser devoto de fake news”, declarou o presidente da Câmara.

Mais cedo o deputado Orlando Silva (PcdoB-SP) discursou na tribuna da Câmara para anunciar a decisão do grupo de partidos de oposição. “Essa decisão é muito relevante porque a Câmara dos Deputados tem cumprido um papel muito importante na defesa da democracia”, disse Orlando.

Ele destacou que “o país vive uma crise econômica que está combinada com uma crise humanitária em função da atitude genocida do Presidente da República”. Orlando lembrou que um dia antes Bolsonaro “propagou a não vacinação e o falso argumento da defesa da liberdade”. “E nessa circunstância que a oposição decide cerrar fileiras para fazer o bom combate”, disse o deputado.

“Vamos denunciar o caráter antipatriótico do governo Jair Bolsonaro. Ele é o chamado falso nacionalista, bravaiteiro, alardeia que defende o Brasil, mas não tem compromisso com os brasileiros, alardeia que defende o Brasil mas quer liquidar empresas estratégicas para o nosso desenvolvimento vendendo-as a preço vil. Bolsonaro é um risco para a democracia brasileira. Inúmeras vezes atacou instituições como o Parlamento, o Supremo Tribunal Federal, Bolsonaro é símbolo do fascismo e do autoritarismo”, denunciou Orlando.

“Por isso, por ter convicção que a oposição tem que ter lado, e o lado e o lado deve ser o lado da democracia que nós construímos. Definimos caminhar juntos, mesmo sem definir ainda o nome do candidato a presidente deste campo. Vamos trabalhar por um nome que possa expressar a luta pela democracia e que possa impedir que o Palácio do Planalto anexe a Câmara dos Deputados”, disse o parlamentar.

Foi divulgado uma mani-

ifesto na tarde dessa sexta-feira com os princípios que nortearam a formação desta grande frente democrática para derrotar o candidato de Bolsonaro. O Psol foi o único que decidiu não participar de frente anti-Bolsonaro.

A presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), disse que o PT tomou a decisão de integrar o bloco, mas que irá sugerir um nome para ser o candidato do bloco. “Temos muito respeito. Aginaldo, Baleia Rossi, mas a oposição construirá um nome para apresentar ao bloco como alternativa”, disse. Os partidos já tinham sinalizado que poderiam apoiar um nome escolhido por Maia, mas faltava o PT definir posição.

**Leia a íntegra do manifesto da frente:**

*Amigos e amigos, É inegável a projeção que a Câmara dos Deputados ganhou nos últimos dois anos. E é premente entender o porquê disso. Certamente há vários motivos, mas acreditamos que existe uma razão principal.*

*Ganhamos relevância porque nos tornamos a fortaleza da democracia no Brasil; o território da liberdade; exemplo de respeito e empatia com milhões de cidadãos brasileiros.*

*Porque, enquanto alguns buscam corroer e lutam para fechar nossas instituições, nós aqui lutamos para valorizá-las. Enquanto uns cultivam o sonho torpe do autoritarismo, nós fazemos a vigília da liberdade. Enquanto uns se encontram nas trevas, nós celebramos a luz.*

*Este grupo que hoje se apresenta tem muitas diferenças, sim. Porque, diferentemente daqueles que não suportam viver no marco das leis e das instituições e que não suportam o contraditório, nós nos fortalecemos nas divergências, no respeito, na civilidade e nas regras do jogo democrático.*

*Para manter a chama da democracia acesa, a Câmara deve ser livre, independente e autônoma, garantindo a nossa sintonia maior, com a sociedade e com o povo brasileiro.*

*Esta não é uma eleição entre candidato A ou candidato B. Esta é a eleição entre ser livre ou subserviente; ser fiel à democracia ou ser aliado do autoritarismo; ser parceiro da ciência ou ser conivente com o negacionismo; ser fiel aos fatos ou ser devoto de fake news.*

*É por isso que hoje nos unimos!*

*Nos fortalecemos na diferença, no respeito às instituições e na liberdade. A Câmara vai escolher se será companheira de um projeto de poder que menospreza as instituições e que, por inúmeras vezes, sugeriu o fechamento desta Casa, ou se será livre para defender e aprofundar a nossa democracia, preservando nosso compromisso com o desenvolvimento do país.*

*Certamente, Ulysses Guimarães estaria deste lado aqui e talvez repetiria em alto e bom som: eu tenho ódio e nojo das ditaduras.*

*Somos a União da democracia e da Liberdade!*

**Assinam o manifesto:**  
MDB  
PSDB  
DEM  
PSB  
PDT  
PT  
PCdoB  
Rede  
PSL  
Cidadania  
PV

## Grupo Muda Senado rejeita candidato de Alcolumbre e defende independência

O grupo Muda Senado, que conta com mais de 20 parlamentares, rejeita o candidato de Davi Alcolumbre (DEM-AP), Rodrigo Pacheco (DEM-MG), para presidência do Senado e defende que a Casa se mantenha independente do governo Bolsonaro.

“O que a gente tem é a convicção de que é preciso garantir a independência do Congresso. Não dá para ter alguém absolutamente atrelado ao Executivo, que deixe passar pautas contra o meio ambiente e essas maluquices de costumes”, afirmou o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), integrante do grupo.

Ouvidos pelo Estadão, os membros do Muda Senado disseram que o nome mais forte para disputar contra o grupo de Alcolumbre é Simone Tebet (MDB-MS).

O MDB, que é o partido com mais representantes no Senado Federal, já decidiu que lançará candidato próprio para a Presidência da Casa.

Os senadores acreditam que a candidatura apoiada por Alcolumbre está enfraquecida depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela inconstitucionalidade de sua reeleição, que era seu plano A, e da derrota de seu irmão, Josiel Alcolumbre (DEM),

na eleição pela Prefeitura de Macapá (AP).

Josiel também recebeu o apoio de Bolsonaro durante a eleição e foi derrotado no segundo turno por Dr. Furlan (Cidadania), por 55,7% contra 44,3%.

Em um vídeo, Jair Bolsonaro pediu voto para Josiel e disse que ele é “um prefeito perfeitamente afinado com o presidente da República”.

“Ao longo desses dois anos, eu tive contato direto com o senador Davi Alcolumbre, presidente do Senado. Em todos os momentos que o governo precisou do Senado, o Davi nos socorreu. Ele foi um grande parceiro nessa relação”, continuou.

O Muda Senado é composto por senadores da Cidadania, Rede, PSD, PSDB, Podemos, PSL, PSB e PP.

São eles: Alessandro Vieira (Cidadania-), Randolfe Rodrigues (Rede-AP), Oriovisto Guimarães (Podemos-PR), Alvaro Dias (Podemos-PR), Major Olímpio (PSL-SP), Eduardo Girão (Podemos-CE), Jorge Kajuru (Cidadania-GO), Flávio Arns (Podemos-PR), Lasier Martins (Podemos-RS), Mara Gabrilli (PSDB-SP), Reguffe (Podemos-DF), Styvenson Valentim (Podemos-RN), Esperidião Amin- (Progressistas-SC) e Tasso Jereissati (PSDB-CE).

Jane Araújo/SENED



Alguns integrantes do grupo Muda Senado

# Butantan terá 10,8 milhões de doses da CoronaVac até o fim de dezembro

Novo lote, de 5,5 milhões de doses da vacina será o maior já desembarcado em 25 de janeiro em SP

O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), anunciou nesta segunda-feira (21) que o Instituto Butantan terá um total de 10,8 milhões de doses da CoronaVac até o dia 31 de dezembro.

Este quantitativo será alcançado com o recebimento de 7,5 milhões de doses nos próximos dias, em três voos vindos da fábrica da parceira do Butantan, com o laboratório Sinovac, em Pequim, na China. O maior lote chega a São Paulo na quinta-feira (24), véspera de Natal, com 5,5 milhões de doses.

“São Paulo recebe, na véspera do Natal, mais 5,5 milhões de doses da vacina do Butantan, representando o maior lote já desembarcado no Brasil”, afirmou o governador. “Com isso, São Paulo terá até 31 de dezembro, ainda este ano, 10,8 milhões de doses da vacina contra a COVID-19 em solo brasileiro”, acrescentou Doria. O Plano Estadual de Imunização começa no dia 25 de janeiro.

“O novo lote de matéria-prima chegará em mais um voo vindo da Sinovac, em Pequim, representando o maior lote de vacinas já desembarcado no Brasil. É também no continente latino-americano”, afirmou Doria em coletiva no Palácio dos Bandeirantes nesta segunda-feira (21).

Em seguida, no dia 28, serão mais 400 mil. O último carregamento do ano, de 1,6 milhão chega no dia 30.

O pedido de registro definitivo e autorização de uso emergencial da CoronaVac será apresentado à Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) na quarta-feira (23), junto com solicitações ao órgão regulador chinês. Na última semana, o governo federal incluiu a vacina do Butantan no Plano Nacional de Imunização. O governo paulista ainda aguarda o pedido formal por escrito para a disponibilização das vacinas para o Ministério da Saúde.

“O estudo clínico foi en-

cerrado com mais de 13 mil participantes incluídos e os dados desse estudo foram então submetidos à análise que envolve a decisão, vamos dizer assim, a recomendação final e apresentação dos dados pelo comitê internacional”, disse Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan.

A Anvisa estipulou um prazo de dez dias para dar um parecer sobre o uso emergencial. Já o registro sanitário é mais demorado.

O diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, lembrou que o acordo com a Sinovac foi assinado em 10 de junho e ressaltou a velocidade com que a vacina já está disponível.

“Passados seis meses, temos vacinas sendo produzidas, temos vacinas em estoque para atender o Brasil. Anunciei por várias vezes, às vezes com descrédito de muitos que nos assistiam, que esta poderia ser a primeira vacina do Brasil. Felizmente, acho que acertamos e estamos muito próximos de ver essa vacina ser usada em massa pela primeira vez aqui no Brasil.”

O governo de São Paulo também vai iniciar uma série de 27 pregões para a compra de 100 milhões de seringas e agulhas.

O secretário estadual da Saúde, Jean Gorinchteyn, garantiu, no entanto, que São Paulo tem cerca de 21 milhões de seringas destinadas para iniciar a campanha de vacinação prevista para 25 de janeiro.

## AUMENTO DAS MORTES

O estado de São Paulo registrou aumento de 54% no número de casos positivos de Covid-19, nas últimas quatro semanas. O número de óbitos pela doença aumentou 34% em todo o estado, no mesmo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.

Com esses dados alarmantes, Doria convocou nova coletiva para terça-feira, 22, após reunião do Centro de Contingência em que poderão ser definidas novas ações de contenção da Covid-19, enrijecendo medidas restritivas no próximo período.



“Brasileiros querem agilidade, querem as vacinas e sua proteção”, diz Doria



Edição foi lançada em homenagem ao centenário de Sergei Bondarchuk

## Box de “Guerra e Paz”, do CPC-Umes, é “lançamento do ano” em mídia física

No decorrer de 2020, o jornalista João Paulo Barreto realizou uma série de entrevistas sobre o comércio de mídias físicas, como DVDs e blu-rays, no Brasil. Em artigo publicado no jornal “A Tarde”, em que realiza um panorama do mercado, o jornalista afirma que o ano foi marcado pelo crescimento das vendas em meio à pandemia do coronavírus e destacou “Guerra e Paz”, do cineasta Sergei Bondarchuk, como o lançamento do ano no mercado brasileiro de mídias físicas.

O épico de mais de sete horas que ganhou o Oscar (1968) e o Globo de Ouro (1969) de melhor filme em língua estrangeira foi restaurado pelo Estúdio Mosfilm em 2017 para as comemorações do centenário de seu diretor Sergei Bondarchuk, que no filme também atuou como o personagem de Pierre Bezukhov.

O clássico recebeu pela distribuidora CPC-Umes Filmes um tratamento especial, ganhando um box na edição blu-ray com encarte artístico em homenagem à mais fiel adaptação da obra de Liev Tolstói.

“Guerra e Paz” foi produzido ao longo de sete anos (1961 a 1967), a um custo cujas estimativas variam de 200 a 900 milhões de dólares, em valores corrigidos. O filme estabeleceu vários recordes, como envolver nas filmagens mais de 300 atores de diferentes países e um número de figurantes que atingiu os seis dígitos.

Na avaliação de João Paulo Barreto, o mercado de DVDs e blu-rays vive um momento peculiar. A visão apresentada no início do ano de um mercado “combalido” foi um tanto precipitada e a pandemia gerou uma ampliação do público consumidor, em especial dos colecionadores, com o investimento de lojas virtuais em lançamentos exclusivos.

“Com a pandemia deflagrada, fechamento

de salas, suspensão de estreias e o (ainda necessário) confinamento tendo seu início por aqui, a percepção era de um mercado com os dias contados. Essa previsão, porém, vista hoje em retrospecto, não poderia estar mais distante da realidade”.

O jornalista relembra que além das já conhecidas distribuidoras, como Obras-Primas do Cinema, Versátil e CPC-Umes Filmes, que já tinham em seus catálogos lançamentos em blu-ray oriundos de períodos anteriores. “O ano de 2020 trouxe para o conhecimento amplo do público neste mercado atualmente de nicho e (quase) restrito a colecionadores, lojas virtuais que também passaram a investir em lançamentos exclusivos”.

Segundo Barreto, o fechamento da livraria Sarai-va e a recuperação judicial da Cultura fizeram com que as distribuidoras investissem na venda direta e num maior relacionamento com o consumidor final.

“Valmir Fernandes, diretor do selo OP, destaca como essas mudanças nortearam o modo de vendas em 2020. “A FAMDVD começou o ano com lançamentos exclusivos em blu-ray. A Versátil anunciou vários, também. Então, resolvemos experimentar e colocamos o blu-ray de Um Lobisomem Americano em Londres exclusivo no nosso site. Só no primeiro mês, foram 700 clientes novos cadastrados. Após alguns meses, a tiragem de 2500 unidades esgotou”, comemora Valmir.

“Eu lembro que, em dezembro de 2019, reuni toda a equipe e apresentei os dados daquele ano. Iniciei falando: ‘precisamos avaliar o que faremos para sobreviver nesse mercado.’ E os principais pontos levantados foram: ‘Vamos voltar para o blu-ray. Vamos desenvolver a nossa loja, melhorar o nosso SAC e a nossa forma de envio.’”, relembra André Melo, diretor do selo Versátil. Com 2020 iniciando e o anúncio de uma coleção em blu-ray dos filmes de John Carpenter, dentre diversos outros

títulos que se seguiram, o per&ia cute;odo acabou, também, se demonstrando surpreendente para a Versátil.

“Eu pensava muito sobre essa possibilidade de trazer um lançamento em blu-ray de um filme que estava esgotado. Sobre ser ou não viável. A pergunta era: ‘por que não pode ser feito? Alguém já tentou?’ Nas conversas que eu tinha com distribuidoras e outros lojistas, eles falavam: ‘olha, blu-ray acabou. Isso não dá dinheiro. Aqui no Brasil, n ão vingou.’ E isso me incomodava muito porque eu olhava para o (site) Mercado Livre, e pediam altos valores por filmes esgotados. A conta não fechava. Como pode um produto ser tão valorizado por alguns, e quem está vendendo diz que não vingou, que blu-ray não vende?’, relembra Fabio Martins, cuja loja, FAMDVD, no ramo há 12 anos, bancou no primeiro semestre, através da Universal Pictures, uma nova tiragem do filme A Bruxa.

NICHO DO NICHO

Em sua reportagem, Barreto destaca ainda a busca por filmes “fora do apelo hollywoodiano” como é o caso do CPC-Umes Filmes, que distribui os filmes do cinema soviético e russo, do Estúdio Mosfilm.

“A CPC UMES Filmes é o nicho dentro do nicho. Mas esse mercado de nicho do colecionismo tem essas duas características. Ele é muito restrito, e quem está dentro dele, tem uma qualidade de interesse de informação muito alta”, explica Igor Oliveira, coordenador da distribuidora, cujas obras em blu-ray como Stalker, Andrei Rublev e Solaris (pilares de Andrei Tarkovsky), bem como Vá e Veja, obra prima de Elem Kilmov, e o principal lançamento do ano em mídia física, o box do filme Guerra e Paz, adaptação de Tolstói dirigida por Serguei Bondarchuk, dão ao público cinéfilo um acesso de qualidade única para tão rico cinema”.



Secretário de Educação de São Paulo

## Volta às aulas será obrigatória em SP a partir de fevereiro

O secretário estadual de Educação de São Paulo, Rossieli Soares, defendeu o retorno das aulas presenciais em 2021 e destacou que “Educação é direito da criança e dever do Estado, deve ser obrigatória dentro dos protocolos”.

Em entrevista ao ‘Estado de S. Paulo’, ele ainda apontou que a distância da escola promoveu um “massacre educacional” na vida de crianças e jovens por causa da pandemia do novo coronavírus.

De acordo com o secretário, o que a ciência sabe sobre o vírus e seu contágio evoluiu e que por isso só não voltarão às aulas, estudantes que tenham atestado médico ou estejam no grupo de risco.

“Não pode acontecer em um país que prioriza educação ter bar aberto e escola fechada, não existe comparação possível. Nós no Brasil falamos muito pouco sobre os prejuízos da escola fechada. Eu defendo muito a tecnologia, as soluções que os professores buscaram durante a pandemia, mas nada substitui a escola. Isso não está claro para pais e mães. Não enxergam que muita coisa evoluiu de março ou maio pra cá, hoje a ciência mostra que o espaço escolar é seguro. As crianças não são grandes transmissores, não são o principal grupo de risco, mas são as mais afetadas por fazerem esse sacrifício de não ir à escola. A criança está regredindo do ponto em que estava, é um massacre educacional no futuro desses jovens”, afirmou o secretário de Educação do Estado de São Paulo.

O Governo de São Paulo anunciou, na última quinta-feira (17), que manterá o retorno gradual às aulas presenciais para o ano letivo de 2021. O retorno ocorrerá de forma regionalizada, de acordo com os Departamentos Regionais da Saúde e obedecendo aos critérios de segurança estabelecidos pelo Centro de Contingência do Coronavírus.

Segundo o secretário a decisão de manter escolas abertas em todas as fases do Plano São Paulo é baseada em experiências internacionais e nacionais e tem o intuito de garantir a segurança dos alunos e professores, bem como o desenvolvimento cognitivo e sócio-emocional das crianças e adolescentes.

Se uma área estiver nas fases vermelha ou laranja do Plano São Paulo, as escolas da educação básica, que atendem alunos da educação infantil até o ensino médio, poderão receber diariamente até 35% dos alunos matriculados. Na fase amarela, elas ficam autorizadas a atender até 70% dos estudantes; e na fase verde, até 100%. Os protocolos sanitários devem ser cumpridos em todas as fases.

Atualmente, 1800 das cerca de cinco mil escolas estaduais estão com atividades presenciais parciais.



Assédio foi registrado pelas câmeras

## Cidadania afasta Fernando Cury após assédio contra deputada Isa Penna na Alesp

O Cidadania afastou, nesta sexta-feira (18), o deputado estadual, Fernando Cury, que assediou a deputada Isa Penna (PSOL) durante sessão da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), na quarta-feira (16).

Em comunicado, o Cidadania afirma que a Comissão Executiva Nacional decidiu a afastar o deputado “de todas as funções diretivas partidárias, em todas as instâncias, bem como de todas as funções exercidas em nome do Cidadania, inclusive junto à Alesp”.

O deputado afirma que não foi “informado oficialmente pelo partido” sobre o afastamento e que “não houve qualquer notificação de procedimento interno do Conselho de Ética”. “Tão logo seja formalmente comunicado, irei apresentar a versão dos fatos, exercendo assim meu direito de defesa”, afirmou Fernando Cury.

Para Isa Penna, a decisão do Cidadania é uma “obrigação moral e cívica”.

“O que é necessário para um deputado que comete assédio em pleno plenário é que ele encerre a carreira política e deixe de ser deputado”, disse a deputada ao portal UOL.

Isa defendeu que a mesma conduta seja tomada na Alesp. “Nós estamos falando de assédio em pleno plenário, em plena sessão, com todas as câmeras ligadas.”

Nas imagens é possível ver o deputado conversando com outro parlamentar. Em seguida, ele se direcionou à deputada do PSOL, que está apoiada na mesa diretora da Alesp. Fernando Cury, logo volta a conversar com outro deputado, que tenta o segurar, mas ele se dirige novamente Isa Penna. O parlamentar para atrás da deputada e apalpa o seio dela. Imediatamente, Isa Penna tenta afastá-lo.

## Câmara aprova regulamentação e com verba do Fundeb para a escola pública

Em um dia histórico, a Câmara dos Deputados aprovou, por 470 votos a 15, o projeto de lei (PL 4372/20) que regulamenta o repasse de recursos do novo Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) a partir do próximo ano. Os deputados aceitaram a versão aprovada pelo Senado que garantiu a destinação dos recursos oriundos do Fundeb exclusivamente para a educação pública.

Na primeira votação da Câmara, uma manobra articulada pelo governo Bolsonaro desviava uma parcela do Fundeb para o ensino privado ligado ao Sistema S, a escolas filantrópicas e a outras ligadas às igrejas. A mudança que contrariava a Emenda Constitucional que tornou o fundo permanente foi suprimida no Senado.

O Fundeb é o principal mecanismo de financiamento da educação básica no país. Em agosto, o Congresso promulgou uma emenda à Constituição que renova as regras do fundo e tornou-o permanente. Ele é composto de 20% da receita de oito impostos estaduais e municipais e valores transferidos de impostos federais. Até 2026, o governo federal aumentará a complementação para esses fundos a cada ano, começando com 12% do montante até atingir 23%.

Em 2021, deverão ser repassados R\$ 163,3 bilhões aos estados e municípios. Obrigatoriamente, os recursos serão destinados ao pagamento de salários de professores e investimento nas escolas públicas brasileiras.

Apesar do placar favorável, a aprovação do projeto garantindo o recurso para a escola pública foi conturbada. Durante o dia, a base bolsonarista na Câmara tentou obstruir a votação com o objetivo de transferir ao Executivo a regulamentação do Fundeb por meio de uma Medida Provisória.

Com isso, o texto construído por amplo debate no Congresso perderia a validade.

Na tarde desta quinta-feira, deputados de diferentes partidos ligados à educação se reuniram com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), para garantir a votação do projeto. O acordo firmado na reunião foi anunciado por Maia nas redes

sociais.

Maia afirmou que a regulamentação do novo Fundeb vai gerar avanços na educação brasileira. “Mesmo com divergências, os deputados construíram um texto que certamente vai avançar na qualidade da educação brasileira”, declarou.

“A questão é o desafio de garantir recursos para as escolas públicas, que ainda precisam de muito investimento. Respeito as instituições filantrópicas, mas é preciso priorizar as escolas públicas”, afirmou.

Para o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), a conquista do Fundeb representou uma vitória da frente ampla contra o atraso. O deputado Felipe Rigoni (PSB-ES), relator do projeto na Câmara, celebrou as mudanças feitas no Senado que impediram o retrocesso no texto. “Fico feliz que o Senado retomou o texto original, o que foi aprovado por unanimidade aqui nesta Casa”, disse.

Ele destacou os pontos importantes do texto: um Fundeb com mais recursos e 50% dedicado à educação infantil. “Investimento em uma educação infantil que é uma das grandes necessidades do nosso país. Também estimulando os gestores a reduzir a desigualdade de aprendizagem de todos os alunos e, especialmente, os mais vulneráveis, os negros, pessoas com deficiência e os alunos de baixa renda. Foi uma série de conquistas”, disse.

Após votarem o texto que veio do Senado, os deputados ainda chegaram a analisar um destaque do Partido Novo que pretendia restaurar parte do desvio dos recursos para o setor privado. O partido, que foi o único a encaminhar voto contrário à regulamentação do Fundeb, tentou reincorporar o repasse para escolas privadas sem fins lucrativos, como as ligadas a igrejas, para matrículas de ensino fundamental e médio.

A liderança do governo na casa incentivou a manobra do Novo, chegando a orientar a base aliada a votar nesse sentido, mas sem sucesso. O destaque do Novo foi rejeitado em plenário por ampla maioria dos deputados: 286 a 163 votos.

# Bolsonaro veta recursos para internet em escolas públicas

Fundo previa recursos para a universalização da banda larga nas escolas públicas até 2024

O presidente Jair Bolsonaro vetou um artigo do novo marco regulatório do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust) que determinava que parte dos recursos deveria servir para universalizar a banda larga nas escolas públicas até 2024, em sanção publicada nesta quinta-feira (17).

Criado em 2001, o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust) recebe 1% da receita operacional bruta das teles e financia a expansão da telefonia fixa. O dinheiro do Fust agora poderá financiar projetos que promovam a democratização da internet e de novas tecnologias.

O texto previa que parte do dinheiro custearia internet banda larga em todas as escolas públicas até 2024, além de serviços de telecomunicações em regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Contudo, o governo alega que o artigo cria despesa pública sem apresentar estimativa do impacto orçamentário e financeiro.

Com uma quase completa inércia do governo para combater a crise sanitária – só não completa, pois Bolsonaro e seus asseclas buscaram sabotar os esforços criados no período – o presidente da República argumenta que a implementação da medida gera impacto em período posterior ao da calamidade pública causada pelo coronavírus.

Segundo dados da Câmara dos Deputados referentes a 2019, o Fust já arrecadou cerca de R\$ 22 bilhões.

Quando o novo marco regulatório do fundo foi aprovado no Senado em novembro, o relator do projeto (PL 172/2020), senador Diego Tavares (PP-PB), revelou que desde quando foi criado, o Fust aplicou só R\$ 341 mil na universalização de serviços de telecomunicações, menos de 0,002% de seus recursos. Cerca de R\$ 15,2 bilhões foram usados no pagamento da dívida pública.

O Fundo é vinculado ao Ministério das Comunicações, cujo chefe da pasta, ministro Fábio Farias, defendeu que, ao invés de ir para as esco-

las, os recursos do Fust irão para o agronegócio sob a promessa de geração de empregos.

Bolsonaro vetou também os investimentos do Fust em zonas urbanas e rurais com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alegando que essas medidas restringem a destinação dos recursos a “um quantitativo reduzido de municípios que poderiam ser contemplados”. Ele ainda argumenta que o artigo “dificulta a conceitualização e operacionalização para fins de mensuração dos dados de projeção, e destinação dos recursos para o atendimento destas localidades”.

Seguindo o mesmo argumento, Bolsonaro vetou o uso de recursos na inovação tecnológica dos serviços de telecomunicações no meio rural e em programas, projetos e atividades governamentais voltados a ampliar o acesso da sociedade a serviços de telecomunicações prestados em regime público ou privado.

Com a nova lei, o Fust passa a ser administrado por um conselho gestor, vinculado ao Ministério das Comunicações, contendo um representante da pasta, além de um representante dos Ministérios da Ciência e Tecnologia, da Economia, da Agricultura, da Educação e da Saúde (um representante de cada uma das pastas). Também devem compor o conselho um representante da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), dois representantes das empresas e três representantes da sociedade civil.

O conselho gestor terá a obrigação de elaborar anualmente um relatório de gestão, avaliando os resultados obtidos pelos projetos financiados pelo Fust, submeter anualmente a proposta orçamentária ao Ministério das Comunicações. Em tese, esse trabalho deve ser desenvolvido buscando a redução das desigualdades regionais, a expansão das redes de telecomunicação a todo o território e a melhoria da qualidade dos serviços, com a Anatel fiscalizando os projetos com recursos do Fundo.

Porém, esses dois anos de Bolsonaro nos mostram que a redução das desigualdades não está em pauta em seu governo.

## Mercedes-Benz fecha fábrica e deixa 370 trabalhadores ameaçados de desemprego

Na quinta-feira (17) a Mercedes-Benz anunciou que vai fechar a fábrica de automóveis de Iracemápolis (SP), única unidade da montadora alemã voltada para a produção de automóveis no Brasil. A empresa deu férias coletivas a 370 funcionários.

Segundo a multinacional, um dos motivos para o fechamento da unidade é a alta do dólar, com a desvalorização da moeda brasileira, que se agravou com a pandemia do Covid-19.

A multinacional argumenta que, como menos de 40% dos componentes dos carros são fabricados no Brasil, a alta cotação do dólar encarece a importação de peças de fora do país.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Limeira, Rio Claro e Região afirma que foi pego de surpresa

pela notícia do fechamento e que no próximo dia 22 promove uma assembleia da categoria para definir sobre o destino dos trabalhadores.

O sindicato quer que a empresa explique “sob quais condições a fabricante de veículos deixa o município onde já recebeu concessões favoráveis para se instalar e quais as possibilidades de minimizar as perdas para os trabalhadores dispensados”.

Além da perda para os trabalhadores, o município também vai sofrer um golpe com o encerramento das atividades da fábrica, já que ela responde por 8,4% do Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN) arrecadado por Iracemápolis em 2020 e é a segunda maior empregadora do município.



Medida que poderia amenizar prejuízos da pandemia na educação foi vetada



Delegados de diversos estados participaram do Congresso realizado online

## 8º Congresso Nacional da CGTB aprova fusão com a CTB e define plano de lutas

A Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB) realizou, nesta terça-feira (15), seu 8º Congresso Nacional e aprovou por unanimidade sua unificação com a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), assim como as pautas dos trabalhadores para o próximo período de lutas.

Dentre as bandeiras afirmadas pelos delegados de diversos estados no ato online da Central está a necessidade de se construir uma frente ampla em defesa da democracia com condições de comba-

ter o obscurantismo representado pelo governo de Jair Bolsonaro.

“Foi um congresso muito entusiasmado, onde decidimos pela integração e construção de uma central mais forte junto à CTB. Vamos precisar estar mais fortes para enfrentar as loucuras e as irresponsabilidades que o Bolsonaro está fazendo no Brasil”, afirmou Ubiraci Dantas de Oliveira, presidente da CGTB.

“Mais de 183 mil mortos, desemprego recorde. Precisamos defender as estatais estratégicas, a

vacina rápida, a vida do nosso povo, e lutar por uma ampla frente contra Bolsonaro”, completou.

O Congresso afirmou ainda a importância de defender o Sistema Único de Saúde (SUS), “fundamental para o combate à pandemia e para a garantia do povo trabalhador à saúde”, aliado à defesa dos direitos trabalhistas e previdenciários. A CGTB defendeu também a importância de “uma política nacional desenvolvimentista, com valorização dos salários, criação de empregos e defesa do patrimônio público”.



## Governo mantém salário mínimo sem aumento real

Desde março deste ano, o Ipea destacou altas no arroz (6,3%), batata (29,7%), frango (5,2%), óleo de soja (9,2%) e carnes (6,5%).

Em um momento de alta nos preços dos alimentos básicos, no gás de cozinha, com desemprego recorde e incertezas econômicas, o governo não representa nenhum aumento real para o trabalhador pelo segundo ano consecutivo do governo Bolsonaro.

Essa é a terceira estimativa apresentada pelo governo, sendo que em nenhuma delas a proposta de aumento foi acima da inflação do período. Em abril a expectativa era de que fosse um aumento de R\$ 1079, reduzindo em agosto para R\$ 1.067,

com a atual elevação para R\$ 1.087.

Entre os anos de 2007 a 2019, a legislação garantia uma política de valorização de salário mínimo com reajuste acima da inflação sempre que houvesse crescimento econômico. O cálculo levava em conta a inflação do ano anterior mais o resultado do PIB (Produto Interno Bruto) de dois anos antes.

Como a fórmula perdeu validade no ano passado, o governo Bolsonaro decidiu não substituir por outra política para o salário mínimo, mas é obrigado a reajustar o mínimo pela inflação, obedecendo o que determina a Constituição (art.:7, inciso IV).



## Familiares e amigos se despedem da atriz Nicette Bruno, vítima da Covid-19

A atriz Nicette Bruno morreu neste domingo (20), aos 87 anos, vítima de Covid-19. A atriz estava internada desde o dia 26 de novembro.

Segundo sua filha, a também atriz Beth Goulart, antes de adoecer Nicette esteve em casa por dez meses, em quarentena total, até receber a visita de um parente que sem saber que estava com coronavírus, assintomático, acabou infectando a atriz.

Pioneira da TV brasileira, onde estreou quando a televisão ainda era feita ao vivo, na TV Tupi, em 1950, a atriz, no entanto, enveredou pela vida artística ainda criança, no rádio e, mais tarde, no teatro.

A estreia no teatro, aos 14 anos, lhe valeu o prêmio de atriz revelação da Associação Brasileira de Críticos Teatrais por sua atuação na peça “A filha de Lório”, na Companhia Dulcina-Odilón, da atriz Dulcina de Moraes.

Ao longo de sua atuação teatral recebeu vários prêmios. No teatro foi também onde conheceu o ator Paulo Goulart, com quem foi casada por quase 60 anos, até a morte do ator, em 2014. Juntos, tiveram três filhos, os também atores Paulo Goulart Filho, Bárbara Bruno e Beth Goulart.

Mas sua atuação na teledramaturgia, na Tupi e, em especial, a longa carreira na TV Globo foi quem lhe renderam o carinho e admiração popular.

Entre todas as suas atuações na TV, uma das mais marcantes e que faz parte do imaginário de várias gerações de brasileiros foi sua participação em duas adaptações do “Sítio do Picapau Amarelo”, baseadas na obra de Monteiro Lobato.

A primeira foi ainda na TV Tupi, entre 1952 e 1962. Na segunda versão, já na Globo, Nicette Bruno deu vida à Dona Benta, no seriado exibido entre 2001 e 2004.

Antes de entrar na Globo, em 1982, trabalhou também nas extintas TV Continental e TV Excelsior. Na TV Globo participou de 22 novelas, entre elas, “Sétimo Sentido” (1982), Selva de Pedra” (1986), Rainha da Sucata (1990), Mulheres de Areia (1993), A Próxima Vítima (1995) e a mais recente, em 2020, na nova adaptação de Éramos Seis.

Pouco antes do falecimento de Nicete, a filha, Beth Goulart, publicou em suas redes sociais: “Minha mãe, minha vida, meu amor. Oração para Nicete e para todos os doentes de Covid, fortalecimento para os familiares e para as equipes de saúde que estão trabalhando incansavelmente. Gratidão a todos”.

“Para entristercer nossos corações mais uma vez. Perde o teatro, o cinema e a TV. Era de uma doçura rara de encontrar no ser humano. A família foi muito forte na vida dela. Uma mulher apaixonada pelo seu companheiro, pelas filhas e pela profissão”, afirmou a atriz Arlette Salles.

“Eu estou bastante abalado, estava torcendo demais por ela. Essa mulher maravilhosa, que eu conhecia há 60 anos. Essa família extraordinária, ligada ao teatro, ligada à arte. Era uma amizade tão sincera, que dificilmente poderá se comparar a outras coisas”, afirmou em depoimento à Globonews o ator Ary Fontoura.

“A nossa querida Nicette Bruno nos deixou hoje. Mais uma vítima da covid. Nicette fez história na televisão brasileira. Tive o privilégio de trabalhar com ela. Aos familiares, amigos e fãs, deixo meu apoio e o meu carinho. Coração azul Descanse em paz!”, afirmou o dramaturgo Walcyr Carrasco.

Bruno Kelly-Amazônia Real-Fotos Públicas



## Desmatamento na Amazônia atinge o nível mais alto nos últimos dez anos em novembro

Dados do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) mostram que, em novembro, o desmatamento na Amazônia alcançou o mais alto nível dos últimos dez anos.

O estado do Pará concentrou quase metade da área desmatada, com 48% do total. Os municípios paraenses que ocupam o topo do ranking dos municípios que mais registraram desmatamento territorial foram São Félix do Xingu, Pacajá e Altamira.

Mato Grosso, com 19%, é o segundo estado com o maior desmatamento registrado, seguido de Rondônia (10%), Maranhão (9%), Amazonas (8%), Acre (3%), Roraima (2%) e Amapá (1%).

Ainda de acordo com o Imazon, a degradação na região amazônica cresceu 114% com 1.206 km² de mata devastada. Os incêndios florestais estão entre os fatores que geraram impactos para a região. O instituto afirma que as queimadas podem ser fruto de incêndios descontrolados em áreas privadas, para limpeza de pastos, mas que saem do controle e atingem as florestas.

O monitoramento da Amazônia pelo Sistema de Alerta de Desmatamento é feito por imagens de satélite. O levantamento é diferente do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe), mas ambos emitem alertas para auxiliar a fiscalização.

# Papa exorta países a gastarem mais com vacinas e menos com armas



## Mayada com Arafat, sua filha e seu marido Mayada Abassi, guardiã da chama palestina

“As mulheres são as guardiãs da chama palestina”, afirmou a ex-vice-presidente da Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM), Mayada Abassi, em entrevista concedida ao jornal L’Humanité, em abril de 1994, referindo-se ao papel das mulheres palestinas desde os embates por libertação da condição de protetorado inglês, nos anos 1920, na luta contra a ocupação e expulsão de centenas de milhares de palestinos de sua terra natal em 1948, até os dias de hoje, passando pela Intifada, a revolução palestina contra a ocupação, como relatou naquela entrevista e em todas as ocasiões em que se posicionou pela causa de seu povo.

Mayada, que nasceu na cidade palestina de Jafa, cidade portuária e capital dos laranjais palestinos, a qual teve que deixar durante a implantação do Estado de Israel em 1948, para passar pelo Egito e Jordânia até encontrar refúgio no Líbano, faleceu nesta terça-feira (15). Ela, que afirmava levar sempre consigo uma porção de terra da cidade onde nasceu foi, das guardiãs, uma das mais destacadas.

“Mayada foi uma guerreira, dedicou sua vida, toda sua emoção, seu compromisso à luta pela libertação da Palestina”, afirmou Márcia Campos, que presidiu a FDIM tendo como vice-presidente a líder palestina.

Márcia Campos ladeada pela angolana Ruth Neto (então vice-presidente para a África) e Mayada Abassi, em encontro da FDIM no Brasil “Mayada foi vice-presidente da FDIM por 20 anos, embaixadora da Palestina no Brasil e em outros cinco países e atuou ao lado de Yasser Arafat como deputada no Conselho Legislativo Palestino, principal órgão parlamentar, vinculado à Organização de Libertação da Palestina (OLP)”, relata Márcia.

“Nos deixamos um legado de esperança, de confiança, determinação e certeza de que lutar por aquilo que é justo – em especial para nossa libertação do imperialismo e do fascismo onde quer que tentem se impor aos povos – expressa o melhor de cada um e cada uma de nós”, prosseguiu Márcia.

“Vai nos fazer muita falta, mas fica a lembrança e a alegria de ter podido conviver com ela, com sua força, de lutar a seu lado, de acreditar, com ela, na força dos povos”, acrescentou a presidente da FDIM. “Foi uma destacada representante da força e da alegria das mulheres em todas as partes do mundo. Levaremos conosco desfraldada a bandeira que você hasteou”, concluiu.

Ela repousa no Senegal ao lado de seus entes queridos, o falecido esposo, Said Abassi, embaixador da Palestina em 33 países, e de sua filha Silwan, que atuou no escritório palestino na Unesco, falecida cinco meses antes da mãe.

A ex-presidente da FDIM, Jan Silvie, que antecedeu Márcia Campos e também teve Mayada como vice, destacou o sorriso de Mayada e sua firmeza e tranquilidade nos debates, mesmo quando expressava pontos de vista discordantes de outras companheiras, mas sem perder de vista a unidade na luta.

Na homenagem da Federação Árabe Palestina do Brasil, Fepal, a vice-presidente, Fatima Ali, citou a poeta Cora Coralina:

*Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores*

## Arce anuncia programa de estímulo ao produto nacional boliviano

O presidente da Bolívia, Luis Arce, promulgou o Decreto Supremo 4424, que cria um fundo inicial de 911 milhões de pesos [aproximadamente 660 milhões de reais] para créditos que facilitem a reativação do aparato produtivo na economia nacional.

“A industrialização do país para substituição de importações, esse é nosso modelo”, manifestou Arce, afirmando que todo pequeno, médio e grande empresário está determinado a trocar a matéria-prima importada pela nacional e que a partir de agora se “ele quiser investir para gerar produtos finais que substituam as importações, terá crédito com juros mínimos para capital de investimento”.

Ele garantiu que no país “já estamos produzindo produtos, substitutos de importação”, mas, afirmou, “falta escala, falta volume de produção”. Disse que o empréstimo vai permitir “aumentar o volume e vamos trabalhar em uma estratégia de comercialização”.

“A taxa de juros é de 0,5%, praticamente zero, tanto para capital de giro, compra de matéria-prima nacional, quanto para importação de máquinas, ferramentas, material que a industrialização vai usar para ter um substituto final da importação. Todo esse setor conta com o apoio e a ação do governo nacional por meio dessa medida”, acrescentou o presidente.

O Decreto Supremo

4424 autoriza o Ministério de Desenvolvimento Produtivo e Economia Plural a assinar contratos fiduciários com o Banco de Desenvolvimento Produtivo (US\$ 68 milhões) e com o Banco Unión (US\$ 64 milhões).

“Serão lançados produtos financeiros e, a partir de hoje, vamos trabalhar para que essas regulamentações realmente impactem a economia do país”, disse o diretor do Banco de Desenvolvimento Produtivo, Víctor Ramírez.

O Ministério do Desenvolvimento Produtivo e Economia Plural e o Ministério da Economia e Finanças Públicas coordenarão e estabelecerão a priorização dos setores produtivos beneficiados pelos contratos de crédito.

Mostrando a melhoria da situação econômica, a ministra do Trabalho, Verónica Navia, confirmou, que a taxa de desemprego na Bolívia caiu quase 4% depois do primeiro mês do mandato do presidente Arce.

Esse indicador caiu de 11,8% registrado em outubro passado para 8%, assinalou a ministra em entrevista à Bolívia TV.

Acrescentou que o comportamento do desemprego foi afetado pelo impacto da pandemia Covid-19 e também pela má gestão levada a cabo pelo desgoverno de Jeanine Añez e que, agora, com a política de industrialização e emprego de qualidade vai crescer muito, prevê a ministra.



“No mesmo barco, somos todos chamados a remar juntos”, afirma o papa

## Neruda e Bolívar

Na tarde de 17 de dezembro de 1941, em ato celebrado na Universidade Autônoma do México o poeta chileno e futuro Nobel de Literatura, Pablo Neruda, leu seu ‘Canto a Bolívar’ – a data marcava o 111º aniversário da morte dele, aos 47 anos.

Canto que desde então brilha como signo de esperança e atualidade, e um poderoso retrato daquele que passou à história como “O Libertador”:

*Eu conheci Bolívar em uma longa manhã, em Madrid, na boca do Quinto Regimento!*

*Pai, lhe disse, és ou não és, ou quem és? E, olhando para o Quartel da Montanha, ele disse: “Desperto a cada cem anos quando o povo desperta”.*

O poema completo, na voz do presidente venezuelano Hugo Chávez, que duzentos anos depois desfraldou a bandeira de Simon Bolívar, pode ser ouvido em registro da Telesur: [https://www.youtube.com/watch?v=13LIH-63TEN0&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=13LIH-63TEN0&feature=emb_title)

### LIBERTADOR

Completaram-se 237 anos do nascimento de Bolívar no dia 24 de julho. Ele ganhou a alcunha de O Libertador ao comandar uma campanha assombrosa que, de vitória em vitória, cruzando montanhas e pântanos, libertando uma cidade após outra, abriu o caminho para seu retorno a Caracas, de onde partira após a queda da primeira república venezuelana.

Muito rico de berço, herdeiro de numerosos escravos, tudo fazia provável uma vida de ócio e futilidades. Mas a roda da história, o iluminismo, a ascensão da burguesia, a decadência do império espanhol e as guerras napoleônicas conspiraram para tornar um filho da elite ‘criolla’ – isto é, de descendentes de espanhóis nascidos no Novo Mundo –, em comandante de povos pela emancipação e profeta da integração latino-americana.

Uma vida marcada pelo inesperado. Perdeu o pai aos dois anos e a mãe aos nove, foi criado pelo avô e depois por um tio, que assumiu o papel de tutor. Teve como preceptor dois intelectuais, que o introduziram nas ideias iluministas, Simón Rodríguez e Andrés Bello. Aos 13, já tinha patente de tenente na milícia. Aos 14 anos, estava na Europa, completando a educação em meio à efervescência das ideias trazidas pela Revolução Francesa e, antes, pela independência dos Estados Unidos.

Recém casado em 1802, um ano depois estava viúvo, aos 19 anos – a esposa, que trouxera da Espanha, morreu de febre amarela.

Voltou à Europa, onde reencontrou Rodríguez, que estava a seu lado em Roma em 1805 quando fez a célebre promessa, aos 22 anos, de “não dar descanso ao meu braço, nem repouso à minha alma, até que sejam rompidas as amarras que nos oprimem por vontade do poder espanhol”. O local – o Monte Sacro – tinha sido palco do protesto de plebeus contra a aristocracia na Roma antiga.

Estranhos tempos, em que Beethoven, que tinha feito uma dedicatória da sua terceira sinfonia, “Heroica”, a Napoleão, a rasurara indignado, depois que



Neruda, poeta da libertação da América Latina

este se fizera coroar imperador. A história escrevendo certo por linhas tortas.

As mesmas tropas napoleônicas que, ao invadir o Portugal, levaram à fuga da família real e da corte para o Brasil, que culminaria na Independência.

A ocupação da Espanha por Napoleão Bonaparte, que colocou no trono espanhol o irmão mais velho, o ‘rei José I Bonaparte’ – ‘primeiro e último’, se zombaria depois –, desencadeou a revolta no país, com cidades amotinadas criando juntas, desconhecendo o impostor e combatendo a invasão.

Movimento que logo se estendeu às colônias espanholas, com a declaração dos cabildos, o que acabou evoluindo para juntas autônomas em relação a Madri.

Posto para correr o monarca-irmão francês e derrotado Napoleão, quando as cortes espanholas resolveram que era hora de restaurar o ferrolho colonial, o alegre trem da história já tinha partido e não tinha mais volta.

No continente americano, já havia duas repúblicas, os Estados Unidos e o Haiti, este liberto dos franceses e da escravidão. Foi o Haiti heróico – primeira república governada por negros – que apoiou Bolívar na hora mais difícil. A bandeira da libertação dos escravos foi abraçada por Bolívar, o que resultaria na abolição da escravidão nas ex-colônias espanholas antes do Brasil.

### APRENDIZADO

Uma das frases mais conhecidas de Bolívar é que “a arte de vencer se aprende nas derrotas”. Foram muitas. Teve de deixar Caracas por três vezes. Miranda, o precursor, que ele próprio fora trazer do exílio em Londres, se rendeu aos espanhóis em 1812. Bolívar escapou por pouco. A primeira e a segunda república tomaram sob forças maiores.

Chefes militares e políticos locais mantinham constantes

conflitos. Foram muitas as divergências com Francisco Santander, o principal dirigente proveniente da Nova Granada.

Uma das suas ideias centrais, a de que era imprescindível unir, ampliar, marchar para a ‘Pátria Grande’, ele começou a exercitar ao lutar unificar as forças pró-libertação de Nova Granada.

O que acabou conduzindo à criação da “Grã Colômbia”, reunindo o que hoje são quatro países, Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá.

Ao esforço de Bolívar correspondeu, no Prata, atual Argentina, a campanha de libertação encabeçada por San Martín, e no Chile, por Bernardo O’ Higgins.

O fim da dominação colonial espanhola na América do Sul acabou por se decidir nos embates no Peru, com Bolívar marchando desde o norte para Lima, e Antonio José de Sucre derrotando os espanhóis na Batalha de Ayacucho, em 1824. As províncias do Alto Peru se uniram em um novo país, batizado em sua homenagem, e cuja constituição escreveu, a Bolívia.

### PRAGA IANQUE

Em 1826, ele definiria uma verdade em vigor até hoje: “Os Estados Unidos parecem destinados pela Providência a espalhar a praga da miséria pela América em nome da liberdade.” Ditado de mesmo sentido era corrente entre os mexicanos: “longe de Deus e perto demais dos Estados Unidos”. Desde 1823, estava em vigor a ‘Doutrina Monroe’ – a da “América para os norte-americanos”.

A tentativa de um congresso pan-americano, no Panamá, gorou, com apenas poucas ex-colônias enviando delegados. Bolívar presidiu a Grã Colômbia de 1819 até 1830, quando se viu forçado a renunciar.

Leia matéria na íntegra em: [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)



“Mas até à esperança nos conduz tua sombra”

“Que o imunizante não falte às nações pobres e mais vulneráveis”, convocou o papa logo após a aprovação do maior orçamento do Pentágono de todos os tempos: US\$ 740 bilhões

Em mensagem aos líderes mundiais, o Papa Francisco exortou a investir “o dinheiro das armas no combate à Covid-19”, para garantir “vacina para todos” e para que não falte o imunizante “às nações pobres e mais vulneráveis”. “Que decisão corajosa seria estabelecer um ‘Fundo Global’ com o dinheiro gasto em armas e outras despesas militares para eliminar permanentemente a fome e contribuir para o desenvolvimento dos países mais pobres”, convocou o Papa, no dia em que completou 84 anos – quinta-feira (17).

Ainda segundo Francisco, “diante da pandemia, percebemos que estamos no mesmo barco, todos nós frágeis e desorientados, mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários, todos nós chamamos a remar juntos”.

A mensagem do Papa vem dias após o Congresso dos EUA aprovar o maior orçamento do Pentágono de todos os tempos, US\$ 740 bilhões, quando Washington já gasta mais com mísseis e bases do que os 11 países seguintes, ao mesmo tempo em que o país é recordista mundial em contágios e mortes da Covid.

Proposta capitaneada pelo senador Bernie Sanders, para cortar em 10% – US\$ 74 bilhões – esse imoral gasto armamentista, para liberar recursos contra o coronavírus, foi rejeitada.

### ONU ADVERTE

Com preocupação análoga, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, em visita à Alemanha, advertiu que “vemos um aumento na corrida armamentista e nos gastos militares”, enquanto o mundo inteiro vive “os dramáticos impactos da crise de saúde”.

Ele chamou a apoiar os países em desenvolvimento para que as vacinas estejam “disponíveis para todos”. A ação humanitária – destacou – é “mais necessária do

que nunca, mas seu financiamento é muito escasso”.

Guterres observou que os governos agora têm a obrigação de “proteger seus povos, mas não podem fazer isso se seus vizinhos não forem protegidos”, acrescentando que a cooperação internacional é imprescindível.

A mensagem de Francisco foi voltada para o Dia Mundial da Paz da Igreja Católica, que é comemorado em 1º de janeiro.

A mensagem “Uma Cultura de Cuidado como Caminho para a Paz” será enviada a chefes de Estado e de governo, líderes de organizações internacionais e a outras religiões. “Problemas globais, como a pandemia de Covid-19 presente e a mudança climática, só tornaram estes desafios ainda mais evidentes”, enfatizou.

“Renovo meu apelo aos líderes políticos e ao setor privado para que não poupem esforços para garantir o acesso às vacinas contra Covid-19 e às tecnologias essenciais necessárias para se cuidar dos doentes, dos pobres e daqueles que são mais vulneráveis”, destacou. O papa também homenageou os profissionais de saúde que atuam na linha de frente para cuidar e salvar as vítimas do coronavírus.

Por iniciativa da Índia e da África do Sul, os 164 países membros da Organização Mundial do Comércio se reuniram na semana passada para discutir sua proposta de suspensão das patentes relacionadas às vacinas enquanto não houver uma vacinação generalizada e a maioria da população mundial haja desenvolvido imunidade. As gigantes farmacêuticas seguem contra, mas a discussão está lançada. Pelas leis internacionais, há o precedente de que, unilateralmente, os países afetados ajam para defender a vida de sua população. China e Rússia têm defendido que as vacinas sejam um bem comum global.

Anderi Shelepin/Roscosmos



Cosmonauta russo Oleg Artemiev é vacinado

## Cosmonautas russos são vacinados com a Sputnik V

Começou na Rússia a vacinação de equipes de cosmonautas com a vacina Sputnik. Funcionários do Centro de Treinamento de Cosmonautas Yuri Gagarin, receberam a primeira dose do imunizante, segundo a equipe, para se dedicarem com tranquilidade ao programa espacial da Rússia, se faz necessário que todos apresentem perfeitas condições de saúde.

Como tem sido uma ocorrência geral, o Covid também infectou mais de 13 mil funcionários desse setor, havendo 78 óbitos.

“A doença é terrível. Muitos dos meus amigos sofreram muito. Há até quem tenha perdido a vida por causa do vírus”, relatou Artemiev, cosmonauta de 49 anos.

Mais de 170 mil russos são empregados na indústria espacial, a cosmonáutica. Isso é possível em grande parte devido a

herança da União Soviética, que realizou ações que foram fundamentais para a ciência e a tecnologia espaciais.

No ano de 1957, o primeiro satélite artificial da história foi lançado da Rússia ao espaço, e levava o nome Sputnik-1, portanto não é mera coincidência que a vacina russa leve o nome, pela sua condição de pioneira, foi batizada em homenagem ao satélite.

A chegada da vacina Sputnik-V – a primeira registrada no mundo – foi fundamental para que os cosmonautas e pessoal de apoio se preparem para regressar a suas atividades, como antes da propagação da Covid-19.

Em 5 de dezembro teve início a imunização em massa, em Moscou, desde então cerca de 200 mil pessoas foram vacinadas, com a Sputnik V que tem apresentado 91,4% de eficácia.

## União Europeia anuncia início da vacinação em todo o bloco

Os países da União Europeia se preparam para iniciar suas campanhas de vacinação contra a Covid-19. “É a hora da Europa. Nos dias 27, 28 e 29 de dezembro começará a vacinação na UE”, anunciou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em mensagem, na quinta-feira (17).

“Começaremos a vacinação o mais rápido possível todos juntos, todos os 27 estados, no mesmo dia, da mesma forma que passamos por esta pandemia, juntos”, disse Von der Leyen em sessão do Parlamento Europeu, em Bruxelas. “Para controlar a pandemia, necessitaremos vacinar até 70% da população. Esta é uma tarefa enorme”, assinalou.

A Agência Europeia de Medicamentos (EMA, sigla em inglês), com sede na Holanda, adiantou a reunião que discutirá a liberação da vacina desenvolvida pela Pfizer e BioNTech para 21 de dezembro. A UE afirmou que dará sua autorização logo depois da aprovação da EMA.

“No total, compramos doses mais que suficientes para todos na Europa. E poderemos apoiar nossos vizinhos e aliados em todo o mundo”, disse a líder da UE, maior bloco econômico mundial.

Essa cooperação pode ser realizada através do programa Covax, coordenado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), precisamente para que vacinas consideradas eficazes e seguras estejam disponíveis de maneira igualitária para todos os países e não só nos mais ricos.

Von der Leyen lembrou que a vacina da Pfizer/BioNTech é só uma das seis que a UE tem reservadas, com contratos de compra antecipada já assinados. Além de outros em tratamento.

Além da Pfizer, o bloco comprou os imunizantes da AstraZeneca, CureVac, Johnson & Johnson, Moderna e Sanofi-GlaxoSmithKline.

Os 27 países – que somam cerca de 450 milhões de habitantes – terão, ao todo, dois bilhões de doses se as vacinas forem todas aprovadas.

Os estados membros decidirão quem tem prioridade para as injeções, mas já ficou decidido que os maiores de 60 anos e os trabalhadores da saúde que tratam pacientes com Covid-19 estarão na frente.

O anúncio acontece no mesmo dia em que um dos principais líderes europeus, o presidente da França, Emmanuel Macron, anunciou que está com o Covid.



Senado (foto) e Câmara dos Deputados do México aprovaram por unanimidade alteração na lei do Teletrabalho (SenadoMx)

## Empresas mexicanas vão pagar luz e internet dos que trabalham em home office

O Congresso Mexicano aprovou, por unanimidade, na Câmara e no Senado uma lei que modifica sua Lei Federal do Trabalho (LFT) e obriga as empresas a pagarem a energia elétrica e a internet gasta por seus funcionários em home office.

Para o presidente da Comissão de Trabalho e Previdência Social da Câmara dos Deputados, Manuel Baldeñero, a alteração na LFT – equivalente à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no Brasil – é uma decisão estratégica para o teletrabalho que trará inúmeros benefícios, fará justiça e “ficará para as gerações futuras”.

A determinação – que deverá ser sancionada pelo presidente López Obrador ainda neste ano – vem nove meses após a chegada do coronavírus no país, que obrigou milhares de pessoas a irem trabalhar em suas casas.

Neste momento, já há regras para o home office, com uma parte expressiva delas pré-estabelecidas em contrato, como a duração da jornada, o direito à desconexão, a obrigação das empresas pagarem a internet, o mobiliário – como cadeiras ergonômicas –, impressoras, entre outros equipamentos.

“A pandemia nos demonstrou que para o funcionário em home office a exploração é muito mais frequente”, apontou Rosario Ortiz,

coordenadora da Rede de Mulheres Sindicistas. Por isso, comemorou a ex-deputada, é chave que a versão final da reforma tenha estabelecido uma jornada de, no máximo, oito horas e uma pausa para a refeição.

Agora, a LFT traz explicita, em artigo específico, a garantia do direito do trabalhador à desconexão, obrigando a parte patronal a respeitar o seu tempo de descanso, ressaltou Manuel Baldeñero. “Não poderão pedir-lhe nem trabalho nem sugestões fora do horário. “Se alguém tentar puni-los, os trabalhadores terão provas para se proteger: o correio eletrônico ou a chamada em horário impróprio, que já lhe corresponde”, frisou o parlamentar.

Entre as principais medidas da nova lei está a Delimitação, se considerando “teletrabalho” quando a pessoa exerce ao menos 40% da jornada em sua casa; inscrição no Seguro Social como empregados formais; direito à igualdade e não discriminação, com garantia de igualdade de direitos e benefícios com os trabalhadores presenciais; jornadas e horários com definição de dias e horários, disponibilidade e meios de comunicação; desconexão digital, com direito da pessoa à sua privacidade, a não responder chamadas, mensagens ou correio eletrônico fora do seu horário de trabalho.

# Pautasso: ‘China enfrenta pandemia e mantém crescimento e inovação’



A China ultrapassou os EUA e, em 2018, tornou-se o primeiro país em número de patentes registradas

## Alemanha rejeita pressão de Trump e planeja liberar a chinesa Huawei no 5G

O governo da Alemanha enviou ao parlamento, nesta quinta-feira (17), um projeto de lei denominado de “segurança de redes” que se direciona à utilização da tecnologia da Huawei – 5G. Pela nova lei, o país poderá, em troca de garantias sobre a eficiência da segurança de equipamentos, aceitar atuação empresa estrangeira, a exemplo da chinesa. A ideia é que empresas como a Huawei forneçam amplos meios legais e técnicos para permitir a monitoração da integridade e proteção das redes no país.

A decisão significa mais uma derrota para Trump, que vinha redobrando a chantagem e ampliando a pressão para que outros governos abdicem da sua soberania e da avançada tecnologia chinesa.

Consolidada como referência tecnológica no setor, a Huawei já é a principal fornecedora de equipamento de redes de comunicação no Brasil e no mundo.

Reconhecendo o avanço chinês no terreno das telecomunicações, o texto, a ser apreciado pelo parlamento alemão, defende atenção para os “componentes críticos” em instalações estratégicas e assinala que somente deverão ser aprovados “se o fabricante tiver emitido uma declaração

de confiabilidade”.

Conforme o ministro do Interior da Alemanha, Horst Seehofer, a relevância destes componentes é evidente para a atuação de qualquer sistema estrangeiro, uma vez que qualquer avaria ou ação de sabotagem contra as redes em operação na Alemanha devem ser prevenidas. A agressão norte-americana a soberania de diversos países neste terreno ficou comprovada pelo ex-agente estadunidense Edward Snowden, do sistema de vigilância dos EUA, a NSA.

A “declaração de garantia” apresentada pelo fabricante deverá demonstrar que o componente não “apresenta propriedades técnicas que permitam um uso inadequado, em particular com fins de sabotagem, espionagem ou terrorismo”, explicita o projeto de lei. Além do setor de telecomunicações, o texto abarca o de abastecimento de água e energia ou o de saúde, atendendo a garantias de integridade nacional com relação a diversos setores e empresas, não somente a Huawei que Washington, sob o comando de Trump buscado sabotar.

Leia mais: [horadopovo.com.br](http://horadopovo.com.br)

## Suécia admite que negacionismo foi um desastre no trato da Covid

“Acho que falhámos. Temos um grande número de mortos e isso é terrível”, afirmou Carl Gustaf durante um programa televisivo, nesta quinta-feira.

“A Autoridade de Saúde Pública havia preparado três cenários no verão para o Covid-19. Nós nos baseamos no pior deles, para tentar nos preparar. Porém, está duas vezes mais grave do que se temia”, afirmou Lars Falk, diretor do departamento de Unidade de Terapia Intensiva no hospital Karolinska de Estocolmo, capital do país.

O alerta dado por Falk é uma evidência da gravidade do quadro da pandemia, em que “lamentavelmente, o nível de contágios não diminuiu”, obrigando o cancelamento de todas as cirurgias sem caráter emergencial.

Na região da capital, epicentro da pandemia, não há mais leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) disponíveis. No país, a ocupação já ultrapassa 80%. E foi somente nesta sexta-feira que o governo “recomendou” o uso de máscaras no transporte público e o fechamento de locais de trabalho não-essenciais, mas ainda não houve “locaute”.

A necessidade de medidas mais restritivas é gritante. Com uma população de 10 milhões de habitantes, a

Suécia contabiliza cerca de 350 mil casos de covid-19 e quase 8 mil mortes. A taxa de mortos por coronavírus é de 780 por milhão de habitantes, mais do que o dobro das de todos os demais países escandinavos somados, Finlândia, Noruega e Dinamarca.

Conforme Björn Eriksson, diretor de saúde da região de Estocolmo, é preciso que mais medidas sejam adotadas, do ponto de vista da precaução e do combate à epidemia, pois embora os hospitais da cidade possam aumentar o número de leitos de UTI, não há equipe especializada para operá-los.

A denúncia da presidente da Associação Sueca de Profissionais de Saúde, Sineva Ribeiro, é que mesmo antes da primeira onda da pandemia, em março, já havia “uma escassez de enfermeiras especializadas, inclusive nas UTIs”. E agora a situação ficou ainda mais “terrível”, condenou, pois recebendo baixos salários, sem folgas, sobrecarregados e submetidos à contaminação, cerca de 500 profissionais altamente qualificados estão pedindo demissão todos os meses.

Leia mais em [www.horadopovo.com.br](http://www.horadopovo.com.br)

Apontando a dianteira da China desde o transporte ferroviário e domínio mundial de sua malha portuária até o avanço em sistemas de telecomunicação e robótica, entre outros fatores, Diego Pautasso avalia as transformações que isso opera no cenário mundial. Seguem os principais trechos da sua participação no debate promovido pela Fundação Maurício Grabois

### DIEGO PAUTASSO\*

A pandemia catalisou tendências sistêmicas que já vinham se gestando. Quais são essas tendências sistêmicas que vinham se gestando há pelo menos três ou quatro décadas? Basicamente em duas dimensões: uma dimensão geoeconômica e uma dimensão geopolítica.

Do ponto de vista geoeconômico, a partir dos anos 1970 se desencadeia uma revolução científico-tecnológica, cujo epicentro era a microeletrônica, a informática, que vai se desdobrar na robótica e em outros mecanismos inclusive de reorganização da produção, localmente e globalmente, e mais recentemente esse processo se aprofunda com aquilo que tem se chamado de indústria 4.0, que inclui inteligência artificial, impressora 3D, e uma série de mecanismos a elas associados.

O que vinha se desenvolvendo há décadas me parece evidente que, no contexto da pandemia, foi catalisado. Mais do que nunca serviços de e-commerce, ensino à distância, atividades formativas que é o que estamos fazendo, atendimento de saúde, padrões de saúde e de informação, a própria dinâmica política, mais do que nunca adentram nessa arena das novas tecnologias.

Isso me parece uma variável fundamental e é claro que a pandemia acelerou isso. A pandemia também colocou em evidência e acelerou as contradições decorrentes do desmonte dos aparelhos estatais nas últimas duas, três décadas, o ataque aos Estados de Bem-Estar e a escalada do neoliberalismo e expôs a fragilidade dos Estados, sobretudo os Estados da Europa Ocidental – do antigo epicentro do sistema mundial – em lidar com a pandemia e seus efeitos no campo da saúde, da economia, do emprego e assim por diante e, obviamente, acelerou o desemprego, vem dificultando a retomada da economia, e expôs da maneira mais evidente as contradições da polarização social.

E obviamente, nesse quadro da pandemia, a gente assiste a um recrudescimento tanto da competição interestatal quanto intercorporativa que também já vinha se desenvolvendo nesse quadro de transição sistêmica. Então esses aspectos me parecem muito importantes do ponto de vista geoeconômico e se conectam a outros elementos geopolíticos.

Vou elencar o elemento fundamental que diz respeito à ascensão da China. Mais uma vez, cabe retomar a uma dinâmica de algumas décadas e que, me parece, que, agora, no contexto da pandemia, se acelera sobremaneira. Poderíamos voltar também no contexto da década de 1970, quando se conforma o eixo Pequim-Washington, o processo de reaproximação da China é determinante para o desencadeamento do novo ciclo de globalização e de reestruturação global do capitalismo que a gente vem assistindo.

Esse contexto vai deslocando a dinâmica produtiva do Atlântico Norte para a Bacia do Pacífico. Há um dado que eu peguei esses dias que me parece bastante ilustrativo dessa dinâmica: dos dez maiores portos do mundo, sete são chineses e só um não é da região, ou seja, não é da Bacia do Pacífico, é o décimo, é o porto de Dubai.

Quer dizer, não há nenhum porto entre as principais potências do Atlântico Norte entre os dez maiores do mundo. E se nós pegarmos os 50 maiores, 29 são da Bacia do Pacífico, da Ásia Oriental, sobretudo, ante apenas 13 do Atlântico Norte, Estados Unidos e Europa Ocidental.

Isso inegavelmente é um bom mensurador de como a dinâmica geoeconômica se desloca, obviamente afetando

do a correlação de forças e afetando a dinâmica geopolítica.

Um outro elemento que me chama a atenção e que foi noticiado este ano é que, na última lista das 500 maiores corporações da Fortune, é a primeira vez que a China ultrapassa os Estados Unidos, com 124 corporações.

Eu me dei ao trabalho de procurar saber como foi ou como tem sido a escalada chinesa nos últimos anos. Em 2005, portanto há apenas um década e meia atrás, a China tinha um pouco mais de 15 empresas listadas nas 500 maiores e, nesse período muito curto, conseguiu ultrapassar os Estados Unidos.

E quando a gente olha o conjunto dessas empresas a gente verifica que uma grande parte delas são empresas intensivas em tecnologia. Ou seja, a China mudou completamente o seu padrão de exportação, padrão de inserção internacional e isso me parece bastante evidente.

E tem um dado que passou despercebido, que não recebeu o devido tratamento, cerca de ¾ dessas 124 empresas são estatais, governamentais, ou públicas, portanto, estão diretamente entrelaçadas aos interesses da inserção internacional do próprio Estado chinês.

Isso me parece também muito claro e é uma variável a ser considerada nessa dinâmica de reestruturação da ordem mundial.

Um outro elemento muito claro que se conecta a essa reestruturação produtiva da China que se aprofundou sobremaneira na última década diz respeito a essa dinâmica de inovação que está se fazendo sentir em diversos campos.

A China lançou recentemente um plano chamado Made in China 2025, cujo objetivo é elencar dez setores fundamentais de inovação e internalizar os elos mais estratégicos das cadeias produtivas para economia chinesa.

Quando a gente observa alguns setores, a gente percebe uma mudança muito acelerada.

Em um primeiro momento a China produzia bens de baixo valor agregado, muito simples, cópias grosseiras, ainda no início dos anos 90. Depois as cópias se tornaram um pouco mais elaboradas, replicando e mimetizando os produtos de melhor qualidade do Ocidente.

Progressivamente a China foi inovando, criando produtos, criando marcas, e o que a gente vê em diversos setores é a China tomando a dianteira em relação às antigas corporações ocidentais que lideravam essas dinâmicas de inovação.

Por exemplo, a China avança a passos largos no mercado de pagamento eletrônico. O WeChat, por exemplo, organiza de uma maneira incrível e inovadora toda a dinâmica de pagamento e de relação de padrão de consumo, além da questão de comunicação. A Alibaba é muito mais do que uma Amazon.

Os smartphones chineses, que antes eram réplicas simples, hoje têm determinados atributos que foram lançados ou conectados ou vinculados a esses produtos que ainda as grandes corporações ocidentais, sobretudo a Apple, mas também outra concorrente da Ásia, a Samsung, não conseguiram ainda replicar.

Sem falar no campo da Inteligência Artificial, da energia limpa. Quando a gente observa a questão da produção da energia solar, energia eólica, a dianteira da China é simplesmente fantástica, a dianteira em relação ao resto do mundo é surpreendente.

Quando a gente fala da produção de motores elétricos, 99% dos ônibus elétricos hoje são produzidos na China. Grandes cidades



chinesas já substituíram completamente sua frota.

A questão dos trens de alta velocidade, a maneira com que a China está implantando uma muralha revolucionária de integração, em uma economia continental que é gigantesca, a velocidade é impressionante.

Em 1996, Xangai não tinha 1 km sequer de metrô e hoje tem aproximadamente 1.000 km de metrô de excelente qualidade. Precisa de uma capacidade construtiva, de reestruturar e construir uma infraestrutura dinâmica simplesmente surpreendente.

Claro, esse crescimento da China tensiona com os Estados Unidos e essa tensão se expressa de diversas formas. A guerra comercial, portanto, é muito mais do que uma guerra tarifária, voltada a um certo protecionismo dos Estados Unidos, tendo em vista um déficit comercial que é gigantesco. Ele é isso também, mas envolve outras camadas de contradição.

Uma delas é uma camada tecnológica-produtiva, os Estados Unidos se preocupam diante de uma potência desafiante que domina setores estratégicos.

O caso da tecnologia 5G talvez seja o mais emblemático. Virou um cavalo de batalha dos Estados Unidos tentando não só evitar a presença da Huawei no mercado americano, mas fazer o possível para que seus principais aliados excluam, incluindo o Brasil, a Huawei desse novo ciclo de inovação absolutamente estratégico.

No campo da governança global as contradições também ficaram muito aguçadas no contexto da pandemia. Quando a gente compara o comportamento chinês e o comportamento estadunidense, o que a gente observa?

Os Estados Unidos se ocuparam, por um lado, em culpabilizar a China e, por outro, em fragilizar a principal organização, a OMS, responsável por liderar mecanismos políticos e sanitários que ajudassem a superar esse problema.

Não só isso, como expôs a fragilidade do Estado de Bem-Estar e da Seguridade de Saúde, sobretudo nos Estados Unidos.

No caso da China, a gente tem uma corrida por desenvolver uma tecnologia, uma vacina nova, e colocá-la como um bem público global.

E, simultaneamente, disponibilizou uma quantidade importante de recursos para os países do Terceiro Mundo, mais de US\$ 1 bilhão, para que eles pudessem enfrentar as vicissitudes decorrentes dessa pandemia.

E isso também acelera dinâmicas que combinam, de um lado, uma China que busca reformar as estruturas hegemônicas até então lideradas pelos Estados Unidos, sobretudo Banco Mundial e FMI, mas por outro lado trabalha de maneira sistemática para criar novos mecanismos de governança, novos mecanismos de organização sistêmica.

\*Doutor e Mestre em Ciência Política; graduado em Geografia pela UFRGS. Leia íntegra em [horadopovo.com.br](http://horadopovo.com.br)

# Graciliano Ramos, o Romance de 30 e a inversão modernista - (2)

Continuação da edição anterior

O que está torto, o que impede a visão limpa do passado e do horizonte, desqualificando ou diminuindo a importância de autores e obras, é a supervalorização do que precisa ser visto em sua contingência, em seu real peso e tamanho, de acordo com a sua efetiva contribuição ao fazer literário e à cultura do país

SIDNEI SCHNEIDER

Quando, em 1942, o Brasil está fazendo o balanço do movimento, José Lins do Rego retorna ao tema: “Eu mesmo (...) me pus no lado oposto, (...) para verificar na agitação modernista uma velharia, um desfrute que o gênio de Oswald de Andrade inventara para divertir os seus ócios de milionário. (...) A língua de Mário de Andrade nos pareceu tão arrevesada quanto a dos sonetos de Alberto de Oliveira. A língua que Mário de Andrade quis introduzir com o seu livro é uma língua de fabricação; mais um arranjo de filólogo erudito do que um instrumento de comunicação oral ou escrito”.<sup>13</sup>

## OSWALD E MÁRIO DE ANDRADE

O próprio Mário de Andrade, após ponderar que “O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura” admite que “as modas que revestiram esse espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa”.<sup>14</sup> No final de uma conferência-balanço de 1942, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, não tergiversa nem sofisma, como atualmente se pretende fazer em seu nome: “o movimento modernista era nitidamente aristocrático”, entre outras razões, “pela sua gratuidade antipopular, pelo seu dogmatismo prepotente, era uma aristocracia do espírito”. E conclui que o Modernismo não foi um início: “Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. (...) Nós éramos os filhos finais de uma civilização que se acabou, e é sabido que o cultivo delirante do prazer individual represa as forças do homem sempre que uma idade morre”.<sup>15</sup> O que findava, evidentemente, era a República Velha. Se hoje alguém sustentaria tais afirmações em certas esferas, ocultando a autoria, é capaz de gerar síncope e fulminar miocárdios.

Oswald de Andrade, em uma de suas inúmeras fases-faces, chama o Modernismo de “literatura nova-rica da semi-colônia” e cunha a categoria do “sarampão antropofágico” no *Prefácio a Serafim Ponte Grande*. O que talvez não queira dizer muito, em se tratando de Oswald, mas reflete o clima anterior à atual supervalorização: “O movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semi-colônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas? Eis porém que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. Às vezes originária do próprio solo nosso. Macunaíma. A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia Pau-Brasil também. Isso tinha que ruir com as cometas da crise. Como ruiu quase toda a literatura brasileira ‘de vanguarda’, provinciana e suspeita, quando não extremamente esgotada e reacionária. Ficou da minha este livro”.<sup>16</sup>

O “Romance de 30”, justamente aclamado pela crítica e academia, sobretudo pelos inúmeros leitores das sucessivas edições, é mais do que “Romance Nordestino”, extrapola a designação de “Romance Rural” e não pode ser reduzido sem falsidade a mero “Regionalismo”, constituindo-se em expressão literária nacional e, quando em tradução, internacional. Se, como vimos, José Lins usou o termo regionalismo em 1927, é porque ainda não havia “Romance de 30”, nem como avaliar o seu desdobramento, visto que **A bagaceira**, de José



Américo de Almeida, tido como o romance inaugural, viria a público somente em 1928. No entanto, as referidas expressões, encontráveis em alguns textos alusivos à centralidade modernista, pretendem substituir a expressão mais utilizada no debate literário, conforme a sua gradação de horror à importância de algum dos escritores ou do movimento como um todo.

## ALFREDO BOSI E OS ESTADOS

Como curiosidade, para se ter uma ideia da pequena repercussão do Modernismo no território brasileiro, bastaria ler o subtítulo *Grupos modernistas nos Estados*, do afamado **História Concisa da Literatura Brasileira**, que é concisa mas tem quase seiscentas páginas, de Alfredo Bosi. O autor cita Belo Horizonte, Cataguases, Porto Alegre e uma palestra do paulista Guilherme de Almeida no Recife. Talvez por isso, logo admite que “Isso não quer dizer que tenha havido ‘derivações’ como pode sugerir uma crítica simplória”, porque o que ele ainda chamava de “Modernismo do Nordeste, foi uma realidade poderosa com o *facies* próprio da região e deu o tom ao melhor do romance dos anos de 30 e de 40”.<sup>17</sup>

## ERICO, DYONÉLIO E CYRO

Na literatura do Rio Grande do Sul, sede da importante Editora Globo, que publicaria novos escritores brasileiros, “o movimento de 22 não teve repercussão imediata” e ecoaria em poucos nomes, atesta a decana Regina Zilberman, esquadada em Guilhermino Cesar.<sup>18</sup> Antes, surgira inovadoramente Simões Lopes Neto, autor de **Contos Gauchescos** (1912) e **Lendas do Sul** (1913). Na década de 30, o romance rio-grandense buscava renovação semelhante a que acontecia no Nordeste, o que não é de surpreender, pois se a realidade local trazia peculiaridades, o momento de virada para tirar o país do atraso era o mesmo e galvanizou os escritores igualmente, ao desenvolverem obras pertinentes à realidade social com linguagem própria, através de heróis desvalidos em busca de sobrevivência e redenção.

Dyonélio Machado, no romance **Os ratos** (1935), abordou pioneiramente em âmbito nacional as graves contradições do meio urbano, no caso, o da capital gaúcha, e Cyro Martins, com a trilogia do “gaúcho a pé”, nos romances **Sem rumo** (1937), **Porteira fechada** (1944) e **Estrada nova** (1954), as do meio rural latifundiário, enquanto Erico Verissimo produzia o que chamou de “um corte transversal da sociedade” a partir de 1933, com o deslizamento das famílias do campo para a cidade, tendo publicado no final da década seguinte a primeira das três partes da sua obra maior, **O tempo e o vento** (1949), usufruindo e ampliando literariamente as percepções e inovações do “Romance de 30”. Esses escritores não surgiram como consequência unívoca do Modernismo dos anos vinte, embora sempre se encontre quem considere um tremendo e irreparável atraso não terem os gaúchos seguido o modelo aristocratizante,



Visto que Mário de Andrade fracassou na pretensão de adaptar a língua escrita à pronúncia, a qual obviamente se altera de lugar para lugar e até de pessoa para pessoa, ao não perceber que a norma culta, a que se aprende na escola, precisa ser unificada (...), é personalidade de contribuições. Recordemos seu papel no registro da genuína música popular, as cartas a inúmeros escritores e artistas (...) E, igualmente, a incorporação de Mário de Andrade, junto a Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Rodrigo Melo Franco de Andrade, tendo à frente o chefe de gabinete Carlos Drummond de Andrade, à tarefa de promover a arte e a cultura brasileira, durante o período de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945. Foto: Da esquerda para a direita, Cândido Portinari, Antônio Bento, Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco (1936)

para lembrar a nítida expressão marioandrada.

Já o mineiro Luiz Ruffato, escritor da atualidade a quem devemos a compilação das citações de José Lins do Rego e Jorge de Lima, identifica que os romancistas surgidos na década de 1930, engendrados de uma das maiores renovações literárias da nossa história, “eram modernos, sim, mas não modernistas...”.<sup>19</sup>

## FASES PARA CENTRALIZAR 1922

Outro aspecto de supervalorização, apontado pelo crítico Luís Augusto Fischer com certo humor no texto *Pré-modernismo é a mãe*, vem da insistência em qualificar escritores tão diversos como Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, Simões Lopes Neto, Lima Barreto, Monteiro Lobato e, lembráramos nós, a poeta Gilka Machado, como expoentes de um “Pré-Modernismo”. Como assim?! Para garantir a supremacia do Modernismo de 1922 na história literária, adota-se expressão calcada numa ideia absurdamente linear, a de que os importantes escritores que vieram antes, sem nada a ter com o Modernismo, visto que este nem existia, estavam apenas servindo de tapete para aqueles adentrarem soberbamente na mansão modernista?

Examinemos o trecho acerca da posição inaugural de certos historiadores e comentaristas literários: “se o Modernismo é o novo centro, vejamos o que veio antes, para marcar o ponto de ruptura. Estava claro que o ano de 1922 era o marco, com a Semana de Arte Moderna. Então a coisa

seria assim: a Verdade Moderna foi revelada por São Mário e São Oswald de Andrade, e antes deles só havia o Deserto Inominável, a Burrice, o Atraso. Mas se deram conta de que alguns autores anteriores a 22 tinham lá algum valor (...). Então inventaram a categoria Pré-Modernismo, para enquadrar os autores que, segundo os paulistas, anunciaram os novos tempos, isto é, anunciaram a chegada dos Messias Mário e Oswald. Aos anteriores, só restava o papel de joões batistas. (...) como se eles fossem apenas os precursores, cuja obra, portanto, teria valor apenas como prenúncio, não como realização. O que me irrita é a gente continuar a repetir essa pequena mas significativa tolice, assim no mais, acriticamente. Se já não ficou claro, eu repito: não existe Pré-Modernismo em nenhum lugar. E pior: o termo não faz jus aos autores que pretende designar”.<sup>20</sup>

Assim, parece até que tudo o que houve em termos de literatura do final do século dezanove até o presente existiu para redundar ou ser consequência do Modernismo dos anos vinte: Pré-Modernismo, 2ª fase do Modernismo, 3ª fase do Modernismo, e, quando referência local, Pós-Modernismo, Pós-pós-Modernismo...

O texto de Fischer integra o capítulo *Contra São Paulo*, e mais não precisamos dizer. No entanto, a questão, ao que nos parece, não seria exatamente paulista, mera contradição entre o Estado mais industrializado do país e os demais, pois há outros interesses em jogo, que definem a principal contradição existente no nosso país, aquela que opõe a Nação e a brutal dominação externa, que suga o produto do trabalho dos brasileiros e suas riquezas através dos mais diversos expedientes, com destaque para a apropriação das verbas públicas federais via juros da dívida. E, se é certo que a aristocracia entreguista vinculada ao imperialismo inglês, apeada do poder pela revolução de 1930, tomou como suas as aspirações do capital financeiro norte-americano, aliando-se política e ideologicamente a ele a partir de um núcleo midiático-acadêmico, intelectualmente chicago-boy e afrancesado, capaz de lhe dar alguma sustentação, isso não faz dela o centro do mundo nem a torna dona do campinho eternamente. Trocando apenas de amo, atualizou-se até chegar às formulações do *american way of thinking*, usualmente expressas através dos requintes de um falsamente erudito intelectualismo francês, muito mais labiríntico do que aquele e, portanto, menos repugnante para setores que pretendem ser vistos como progressistas, apesar das muitas evidências em contrário. Se as últimas décadas de sucessivo desmantelamento do Estado nacional para o bem do capital financeiro não favoreceram nem favorecem a disseminação de ideias e propósitos genuínos no âmbito institucional, as contraposições a tal campo têm mantido o debate e a luta política aquecidos.

## LEITURA DAS OBRAS

Se a discussão no século anterior implica alguma contundência, na qual incidem inclusive os textos autocríticos dos modernistas, estamos longe de pretender jogar fora um período da nossa literatura, menos ainda de execrar de

antemão e negar totalmente autores e obras. Não tratamos aqui de fazer o balanço integral do Modernismo, mais ocupados em evidenciar as agudas contradições entre os dois movimentos. As obras obviamente precisam ser lidas, sopesadas e avaliadas com acuidade em cada gênero, pois o debate relatado tende a se deslocar para o romance. Necessário se faz, também, prestar reverência à contribuição de Manuel Bandeira, que extrapola em muito a ebulição modernista.

Visto que Mário de Andrade fracassou na pretensão de adaptar a língua escrita à pronúncia, a qual obviamente se altera de lugar para lugar e até de pessoa para pessoa, ao não perceber que a norma culta, a que se aprende na escola, precisa ser unificada; e Oswald de Andrade acertou ao evidenciar a forte tendência à próclise na evolução do português-brasileiro em comparação à ênclise e à mesóclise do português europeu, no sintético e sempre citado poema *Pronominais* (Dê-me um cigarro/ Diz a gramática/ Do professor e do aluno/ E do mulato sabido/ Mas o bom negro e o bom branco/ Da Nação Brasileira/ Dizem todos os dias/ Deixa disso camarada/ Me dá um cigarro<sup>21</sup>), procedimento que se incorporou à língua padrão e inclusive a parte da escrita, sendo que inexistia norma oficial para a língua falada, apenas escolha do falante quanto à adequação do seu uso mais ou menos formal de acordo com a situação ou o ambiente; Mário é personalidade de contribuições.

Recordemos seu papel no registro da genuína música popular, as cartas a inúmeros escritores e artistas, especialmente as endereçadas a um iniciante Carlos Drummond de Andrade, as quais há muito destacamos nestas páginas.<sup>22</sup> E, igualmente, a incorporação de Mário de Andrade, junto a Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Villa-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Rodrigo Melo Franco de Andrade, tendo à frente o chefe de gabinete Carlos Drummond de Andrade, à tarefa de promover a arte e a cultura brasileira, durante o período de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, entre 1934 e 1945.<sup>23</sup>

O que está torto, o que impede a visão limpa do passado e do horizonte, desqualificando ou diminuindo a importância de autores e obras, é a supervalorização do que precisa ser visto em sua contingência, em seu real peso e tamanho, de acordo com a sua efetiva contribuição ao fazer literário e à cultura do país.

Também não tratamos de fazer o balanço integral do “Romance de 30”, que naturalmente comporta obras desiguais, embora as definitivas sejam praticamente de consenso. Graciliano Ramos, na hora quente da leitura e do debate, foi um dos maiores críticos do próprio movimento, bastava aparecer uma obra sem a plena construção literária ou abordando paisagens exóticas sobre as quais o autor nada conhecia.

A literatura de uma Nação não é feita por uma ou duas pessoas, nem por meia-dúzia de escritores, mas por um conjunto que age no todo da consciência e sensibilidade nacionais, primando por dar o seu melhor. Evidentemente, com a sedimentação das leituras, vão permanecer as obras mais destacadas e seus respectivos

autores. O Brasil tem a alegria de poder contar, entre as de primeira grandeza, com as de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Erico Verissimo e muitas outras. (2015)

## NOTAS

**1** Optamos por respeitar as grafias “modernismo” e “Modernismo” de acordo com a citação colhida. Em geral, entre modernistas e romancistas de 30, a palavra aparece em minúscula. Ao usá-la nós mesmos, grafamos o nome do movimento em maiúscula.

**2** Graciliano Ramos, *Revisão do Modernismo*, in: Homero Senna, **República das Letras, entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros**, 3a. ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 197-210. A publicação da entrevista neste livro, originalmente dada à *Revista do Globo* em 18 de dezembro de 1948, trouxe diagramação mais ágil, pequenas correções quanto a clareza do que formula o entrevistador e suprimiu uma introdução deste último pouco adstrita a Graciliano Ramos e sua obra. Mais recentemente, a entrevista foi republicada de acordo com a *Revista do Globo*, em Graciliano Ramos, **Conversas**, (Org. Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla, Rio de Janeiro: Record, 2014, pp. 188-206.

**3** Graciliano Ramos, 2014, op. cit., pp. 245-254.

**4** *Ibidem*, pp. 131-136.

**5** *Ibidem*, pp. 224-233.

**6** *Ibidem*, pp. 354-356.

**7** *Ibidem*, pp. 214-218.

**8** Alice Raillard, **Conversando com Jorge Amado**, Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 53; Sidnei Schneider, *Uma palavrinha sobre Getúlio e Graciliano, Hora do Povo*, São Paulo, 10 mar. 2006, p. 8.

**9** José Lins do Rego, *Gilberto Freyre*, in: **O cravo de Mozart é eterno, crônicas e ensaios**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 52.

**10** José Lins do Rego, *Nota*, in: Jorge de Lima, **Poesias completas**, Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/MEC, 1974, pp. 139-144.

**11** Jorge de Lima, *O mistério político*, in: Homero Senna, **República das Letras, entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros**, 3ª. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 129-130.

**12** José Américo de Almeida, *Nota*, in: Jorge de Lima, **Poesias completas**, Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/MEC, 1974, p. 70.

**13** José Lins do Rego, *Espécie de história literária*, in: **O cravo de Mozart é eterno, crônicas e ensaios**, Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 43.

**14** Mário de Andrade, **Aspectos da cultura brasileira**, apud Nelson Werneck Sodré, **História da literatura brasileira**, Rio de Janeiro: Bertrand, 1988, pp. 530-531.

**15** Mário de Andrade, **O movimento modernista**, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, pp. 28-29 e 72-77.

**16** Oswald de Andrade, **Memórias sentimentais de João Miramar. Serafim Ponte Grande**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1971, p. 119.

**17** Alfredo Bosi, **História Concisa da Literatura Brasileira**, 3a. ed., 17a. tir., São Paulo: Cultrix, 1993, p. 390.

**18** Regina Zilberman, **A literatura no Rio Grande do Sul**, 3ª. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 63.

**19** Luiz Ruffato, *Maceió, 1930 (1) e Maceió, 1930 (2)*, Curitiba, **Rascunho**, respectivamente jul. 2008, p. 14 e ago. 2008, p. 18.

**20** Luís Augusto Fischer, **Para fazer diferença**, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, pp. 174-176.

**21** Oswald de Andrade, **CADERNOS de poesia do aluno Oswald (poesias reunidas)**, São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 122.

**22** Mário de Andrade, **A lição do amigo**, 2ª. ed. revista, Rio de Janeiro: Record, 1988; Sidnei Schneider, *Mário de Andrade do Brasil, Hora do Povo*, São Paulo, 05 out. 1996, p. 8.

**23** A propósito, no último governo Vargas, foi chefe de gabinete do Ministro das Relações Exteriores o mineiro Guimarães Rosa, outro de obra conseqüente à disposição dos romancistas dos anos 1930 de ir ao encontro da realidade e do povo brasileiro.